



ISEC

Instituto Superior de Educação e Ciências

A IMPORTÂNCIA DA AUTONOMIA EM AMBIENTE INCLUSIVO

Quais as estratégias de intervenção a utilizar em crianças NEE, no desenvolvimento da autonomia em ambiente pré-escolar

Sandra Helena Delgado Lima Francisco

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação no Curso de Mestrado em Educação Especial, conferido pelo Instituto Superior de Educação e Ciências

setembro 2015

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Provas para obtenção para do Grau de Mestre em Ciências da Educação

A IMPORTÂNCIA DA AUTONOMIA EM AMBIENTE INCLUSIVO

Quais as estratégias de intervenção a utilizar em crianças NEE, no desenvolvimento da autonomia em ambiente pré-escolar

Autora: **Sandra Helena Delgado Lima Francisco**

Orientador: **Dr. Nuno Mateus**

setembro 2015



ISEC

Instituto Superior de Educação e Ciências

Epígrafe

“O que se faz agora com as crianças é o que elas farão depois com a sociedade...”

Karl Mannheim



Dedicatória

Dedico esta tese à minha família:

- Esposo
- Meu bebé recém- nascido (pelas vezes que não lhe dei atenção)
- Irmãos
- Pais

Por todo o apoio prestado nestes meses de trabalho, pelo tempo dedicado ao meu bebé durante a minha ausência para a realização da minha tese.

Dedico acima de tudo a Deus pela coragem quando me faltavam as forças e pelo ânimo quando pensei que era impossível....

A todos um bem-haja

**ISEC****Instituto Superior de Educação e Ciências**

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus pela força que deu durante os meses dedicado a tese, à minha família e amigos pelo apoio prestado e por terem acreditado em mim, à instituição que possibilitou a realização da minha dissertação e por fim e não menos importante ao meu orientador de tese professor Nuno Mateus pela orientação e disponibilidade na realização da dissertação.

A todos um muito obrigado.

Resumo

A presente investigação resulta de uma preocupação pessoal da qual pude presenciar na minha vida profissional relativo ao desenvolvimento da autonomia em crianças com Necessidades Educativas Especiais no pré-escolar, partindo da seguinte questão:

Quais as estratégias de intervenção a utilizar em crianças com Necessidades educativas especiais no desenvolvimento da autonomia em ambiente pré-escolar.

O principal objetivo foi analisar que tipo de estratégias os profissionais em educação utilizam assim como as dificuldades sentidas no desenvolvimento da autonomia.

A investigação foi delineada numa perspectiva qualitativa por meio de uma investigação baseada em inquéritos e entrevista, o que permitiu colectar dados que orientassem a discussão deste trabalho.

Para que fosse possível tal dissertação foi necessário também pesquisar vários autores que fosse de encontro ao tema e encontrar um fio condutor para a realização da mesma.

Por fim podemos constatar que existe uma preocupação plena nos profissionais em educação em desenvolver a autonomia nas crianças com determinadas características, apesar de passarem por algumas dificuldades, estas no entanto não são entraves para alcançar determinados objectivos na área da autonomia com essas crianças.

Palavras – Chave

Necessidades Educativas especiais, Autonomia, Estratégias de Intervenção Pedagógica

Abstract

This research is the result of a personal concern which I witnessed in my professional life on the development of autonomy in children with Special Educational Needs in preschool, starting the following question:

What intervention strategies to be used in children with special educational needs in developing autonomy in preschool environment.

The main objective was to analyze what kind of professional education strategies in use as well as the difficulties in developing autonomy.

The research was outlined in a qualitative perspective through a research based on surveys and interviews, which allowed collecting data which will assist in the discussion of this work.

To make possible this dissertation was also necessary to research various authors who were against the issue and find a thread to perform the same.

Finally we note that there is full concern in professional education in developing autonomy in children with certain characteristics, despite going through some difficulties, however these are not obstacles to achieving objectives in the area of autonomy with these children.

Keywords

Special Educational Needs, Autonomy, Strategies of Pedagogical Intervention

Abreviaturas

NEE - Necessidades Educativas Especiais

CIF- Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde

DL- Decreto de Lei

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo I: Enquadramento Teórico	3
1- Necessidades Educativas Especiais (NEE)- Conceito	3
2- Inclusão	8
3- Definição e Importância de Autonomia	9
4- O papel da Autonomia nas crianças com NEE	12
5- O papel do Educador com crianças com NEE	13
6- Estratégias de intervenção Pedagógica com crianças NEE:	16
6.1- Na Socialização	16
6.2- Na Comunicação	17
6.3- Na Autonomia	19
6.4 -Na estimulação sensorial	19
6.5-Na motricidade	21
6.6- Na cognição	21
Capítulo II: Enquadramento Empírico	23
1-Problemática	23
2- Questão de Partida	23
3- Perguntas Orientadoras	24
4- Objectivos:	24
4.1- Objectivo Geral	24
4.2- Objectivos Específicos	24
5- Metodologia de Investigação	26
5.1- Pesquisa Qualitativa	26
5.2- Estudo de Caso	27
5.2.1- Participantes e local de pesquisa	28

5.2.2- Características da Instituição	29
5.2.3-Estratégias de recolha de dados	30
5.2.3.1- Entrevista	30
6- Guião de entrevista de investigação aos Educadores	31
6.1- Protocolo da entrevista à Educadora de Infância com especialidade em NEE	33
7- Tratamento de dados	34
7.1-Estratégia pedagógica e calendarização das atividades	36
 Capítulo III: Apresentação e discussão de resultados	 38
1- Apresentação dos resultados	38
2- Narrativa de um profissional em Educação Especial	54
3- Conclusão	57
4- Limitações do estudo e linhas futuras de investigação	61
5- Referências Bibliográficas	62
6- Webgrafia	68
7- Decretos de Lei/Legislação	68
8- Apêndices	i
9- Anexos	xi

Índice de Figuras:

Quadro nº 1: Guião de entrevista	31
Quadro nº 2: Perguntas da entrevista	33
Quadro nº 3: Resumo das questões orientadoras da investigação e instrumentos de recolha de dados	36
Quadro nº 4: Momento do estudo, cronograma	37

Quadro nº 5: Estratégias utilizadas e as dificuldades sentidas nos diferentes contextos de sala	48
--	----

Índice de Gráficos:

Gráfico nº 1: Idade	38
Gráfico nº 2: Sexo	39
Gráfico nº 3: Ciclo de ensino	39
Gráfico nº 4: Tempo de Serviço	40
Gráfico nº 5: Formação Específica	40
Gráfico nº6: Percepção que os educadores possuem acerca da autonomia	41
Gráfico nº 7: Habilitações académicas/profissionais adequadas para o desenvolvimento da autonomia em crianças NEE	41
Gráfico nº8: Conhecimentos de educação especial	42
Gráfico nº 9: trabalhou /trabalha com crianças NEE, se sim em que condições trabalha ou trabalhou	43
Gráfico nº 10: Considera que os educadores do ensino regular precisam de alguma preparação específica para desenvolver crianças com NEE	44
Gráfico nº 11: Tipo de formação considera a mais adequada	44
Gráfico nº12: Uma criança com NEE necessita de um atendimento especial	45
Gráfico nº 13: Tipo de ensino que as crianças com NEE devem ter	46
Gráfico nº 14: As com NEE, no contexto actual da sua escola estão genericamente bem adaptadas	46

Gráfico nº 15: Preocupa-se com o desenvolvimento da autonomia da criança com Nee

47

Gráfico nº 16: Inclusão de uma criança com NEE na classe regular promove a autonomia

51

Gráfico nº 17: Atividades desenvolvidas na sala de aula são adequadas, na sua maioria, às crianças com NEE

51

Gráfico nº 18: O processo de desenvolvimento da autonomia requer a colaboração de outros especialistas

52

Gráfico nº 19: A Criança com NEE tem mais sucesso escolar, se frequentar uma escola de ensino especial fora das escolas regulares?

53



ISEC

Instituto Superior de Educação e Ciências

Introdução

O tema escolhido para a elaboração da tese, baseou-se fundamentalmente numa experiência de trabalho, onde constatamos, as dificuldades sentidas pelos educadores no que diz respeito ao desenvolvimento da autonomia de crianças com necessidades educativas especiais. Não é propriamente fácil gerir um grupo e ir de encontro às necessidades de todas as crianças especialmente das, que necessitam mais do adulto, as crianças com necessidades educativas especiais, por vezes os educadores deparam-se com a situação inconsciente de fazer pelas crianças e não com as crianças, colocando deste modo de parte a importância da autonomia no desenvolvimento da mesma.

De igual modo os familiares dessas mesmas crianças nomeadamente os pais ou familiares mais próximos, optam por fazer tudo por elas e esquecem-se que são os primeiros professores dos próprios filhos e os que mais os influenciam. É um trabalho importantíssimo, a aquisição de competências necessárias para uma vida o mais independente possível. Pais e Educadores são nada mais, nada menos, que guias para o ensino de diferentes competências necessárias à autonomia como por exemplo arranjar-se, a higiene, brincadeiras, autocuidado, cuidados com a casa e informação necessária sobre as diferentes competências.

Segundo Meier (2011), psicólogo e educador:

“ A autonomia é tão importante que proporciona na criança a capacidade de resolver e enfrentar desafios com mais segurança.

Para a criança aperceber que cada vez mais é mais autónoma temos que desenvolver nela a consciência de autonomia, mostrando para a mesma aquilo que ela já é capaz de fazer, dando exemplos concretos, de forma individual, isto trás para a criança a consciência do seu crescimento.

A autonomia possibilita o desenvolvimento da inteligência, crianças que não tenham sido estimuladas a nível da autonomia, ficam estagnadas inclusive na inteligência.

Quando a criança necessita de superar problemas, superar dificuldades e conquistar novos desafios essa criança desenvolve a autonomia e também desenvolve novas conexões no cérebro, desenvolver a autonomia não é apenas para ter a criança mais adequada no comportamento, é uma questão cerebral, neural (...) quanto mais autonomia a criança tem, mais conexões desenvolve logo torna-se mais inteligente.



A autonomia precisa de ser acompanhada por duas realidades, a responsabilidade e a liberdade, deixar que ela decida alguns factos, mas aquilo que decidir ela tem que ser Responsável pelas consequências.

A criança que só tem responsabilidades passa a ser escrava, criança que só tem liberdade passa a ter devassidão, logo liberdade e responsabilidade devem andar lado a lado para que o desenvolvimento da autonomia seja possível e eficaz”

E quantas vezes nós educadores e pais “pecámos” por excesso (não deixar a criança fazer e fazer pela mesma ou então deixá-la fazer tudo), inconscientes das consequências que isso poderá trazer futuramente na criança?

O mesmo autor diz-nos “Nunca faça pela criança, o que ela pode fazer sozinha”

Deste modo impedimos o desenvolvimento da criança, mas existem coisas que não são possíveis ela fazer sozinha porque são perigosas para a mesma, então o adulto deverá fazer por ela, ou então existem coisas que ela poderá fazer com orientação, mas o que for possível fazer sozinha é deixá-la fazer, dando sempre um elogio.

Muitas vezes alguns educadores e pais não dão essa oportunidade à criança ou então dão excessivamente para evitar constrangimentos e acima de tudo birras.

Devido a esta problemática fará sentido fazer um estudo científico, com o objetivo de saber o papel dos educadores no desenvolvimento da autonomia, ou seja, que estratégias utilizam, e que dificuldades têm de ultrapassar para proporcionar o desenvolvimento da autonomia da criança com NEE, nasceu deste modo o título da investigação:

“A Importância da autonomia em ambiente Inclusivo (Quais as estratégias de intervenção a utilizar em crianças NEE, no desenvolvimento da autonomia em ambiente pré-escolar)”

Esta investigação divide-se em três partes: a primeira diz respeito ao enquadramento teórico com o objetivo de clarificar o significado de NEE, autonomia, o papel dos educadores no desenvolvimento das crianças com NEE a segunda parte diz respeito ao enquadramento empírico, como o estudo foi realizado e a terceira parte a apresentação dos resultados obtidos na investigação.

Cap. I: Enquadramento Teórico

1- Necessidades Educativas Especiais (NEE) - Conceito

O conceito de Necessidades Educativas Especiais, habitualmente designadas como NEE, surge em Maio de 1978, pelo histórico Warnock Report, como ponto de partida para uma forma diferente de intervir na problemática de crianças com problemas de aprendizagem, mas também para as dificuldades que subsistem ao conceito de “necessidade”, dada a sua amplitude, geradora de ambiguidades. De acordo com esse relatório, uma criança tem necessidades educativas especiais quando, comparando com outras crianças da sua idade, apresenta dificuldades significativamente maiores para aprender ou denota-se alguns problemas de ordem física, sensorial, intelectual, emocional ou social, ou uma combinação destas problemáticas, a que os meios educativos geralmente existentes nas escolas não conseguem responder, sendo necessário recorrer a currículos especiais ou a condições de aprendizagem adaptadas. (Wedell, 1983 p.19-26).

Entende-se que estes problemas podem assumir um carácter permanente ou temporário no percurso escolar da criança uma vez que não decorrem necessariamente de deficiências no sentido tradicional do termo mas de um conjunto diversificado de factores. Numa perspectiva de inclusão, a Declaração de Salamanca, em 1994, engloba no conceito de necessidades educativas especiais, as deficiências, as dificuldades de aprendizagem e a sobredotação, não esquecendo as crianças que trabalham e as crianças de rua, as que pertencem a populações nómadas, a minorias étnicas ou culturais, a grupos desfavorecidos ou marginais.

Este relatório (Warnok) veio contrariar o recente decreto lei 3/2008, que remete-nos para uma educação especial apenas para crianças com deficiência de carácter permanente com limitações a nível da actividade e acima de tudo participação.

Segundo Warnok o apoio a crianças com NEE é visto como fundamental, isto porque poderá evitar o agravamento dos problemas das crianças, devido a situações de fracasso demasiado prolongadas.

Em Portugal, os Decretos-lei 6/2001 e 7/2001, de 18 de Janeiro, por enquanto ainda em vigor, definem como NEE, a incapacidade ou incapacidades que se reflectam numa ou mais áreas de realização de aprendizagens, resultantes de deficiências de ordem sensorial, motora ou mental, de perturbações da fala e da linguagem, de perturbações graves da personalidade ou do comportamento ou graves problemas de saúde. (Correia,1999 citado por Brennan,1988 p.48).

Relativamente ao conceito de NEE, segundo este documento, o mesmo fundamenta-se na Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), da Organização Mundial de Saúde. (Correia,1999,p. 48-53):

Necessidades educativas especiais são, assim, aquelas que resultam de “limitações significativas ao nível da actividade e da participação num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais, de carácter permanente, resultando em dificuldades continuadas ao nível da comunicação, aprendizagem, mobilidade, autonomia, relacionamento interpessoal e participação social e dando lugar à mobilização de serviços especializados para promover o potencial de funcionamento biopsicossocial”.

Esta pequena amostra relativamente à definição deste conceito dá-nos ideia da sua abrangência e, conseqüentemente, da dificuldade no que diz respeito à sua identificação. Tal como nos é referido por J. Bairrão e Filomena (2000, p. 15 e 16, adaptado de Simeonsson (1994), ao caracterizá-las como NEE de baixa frequência e alta intensidade e NEE de alta frequência e baixa intensidade contribuiu para clarificar alguns aspectos. As primeiras correspondem às NEE de carácter prolongado ou “permanente”, como desde há uns tempos começaram a ser designadas na legislação portuguesa, e comportam a deficiência visual, auditiva, motora, mental e o espectro do autismo. A sua etiologia é biológica, inata ou congénita, ainda que os problemas possam decorrer de factores ambientais. A identificação destes alunos tende a ser feita pelos serviços de saúde e da segurança social, exigindo a sua inclusão particular articulação e cooperação entre os diferentes actores e a existência de recursos apropriados à sua problemática.

As segundas correspondem às NEE de carácter temporário e abrangem problemas de saúde, de socialização, de comportamento e de aprendizagem. (Correia,1999p.48-53)

“É este o grande grupo que aflige a escola e a que esta responde com medida de educação especial; no entanto, estes casos relevam sobretudo de uma educação de qualidade e diversificada e não de educação especial”.

(Bairrão, 1998)

Ou seja: os alunos com NEE de alta intensidade, em princípio, tendem a chegar ao jardim-de-infância e à escola já sinalizados pelos serviços de saúde. Aqueles que têm NEE de baixa intensidade são os que oferecem maiores dificuldades, quer no que diz respeito à sua identificação quer quanto à intervenção que a escola deve ter.

Mesmo nos casos em que as crianças estão, à partida, sinalizadas, é difícil, para a generalidade dos educadores, gerir as aprendizagens e o desenvolvimento da criança no conjunto do grupo, como se deseja. O modelo clínico está ainda muito presente e, na ausência de referentes seguros, envereda-se para respostas que, ao invés de incluírem, excluem, como é o caso da prática de se retirar a criança do seu grupo, durante o tempo letivo, em nome de uma suposta compensação curricular, em pequeno grupo e, com muita frequência, individualmente. As atitudes relativamente à diferença, as áreas de aprendizagem que os Educadores privilegiam, as estratégias que utilizam, bem como o processo de avaliação que implementam, condicionam a identificação de necessidades educativas especiais, relativamente às quais não podemos ter em conta, apenas, as características individuais das crianças.

As necessidades estão sempre correlacionadas com o contexto social, educativo e pedagógico em que decorre o processo educativo. Perante a mesma situação, duas pessoas vêem coisas diferentes e o que cada uma selecciona depende muito da sua história pessoal e principalmente da sua bagagem cultural. A formação que vamos fazendo, o grupo social em que nos sentimos inseridos, as aptidões e predilecções que temos, fazem com que a atenção se concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros (Lüdke e André, 1986).

No entanto, apesar de toda a complexidade de que se reveste e relativamente à qual devemos estar consciencializados, é necessário identificar dificuldades e perceber como as mesmas podem atenuar-se ou, preferencialmente, ultrapassar-se. Nesse sentido, é importante, em primeiro lugar, que os Educadores reflectam sobre a prática que desenvolvem, procurando perceber se as dificuldades que algumas crianças evidenciam lhes são intrínsecas ou se decorrem da necessidade de ter de reformulá-la.

O desenvolvimento de hábitos de observação do grupo e das crianças com dificuldades no contexto desse grupo, através do registo de incidentes significativos ou de grelhas específicas por exemplo, ajuda a avaliar mais criteriosamente essa prática, o que permite reajustá-la, quando necessário, com mais segurança. É evidente que nem sempre as dificuldades das crianças estão relacionadas, apenas, com a intervenção pedagógica do educador.

Contudo, este processo de reflexão também contribui para clarificar essa situação, de modo a implementar para essas crianças e, à medida que se vão fazendo avaliações sistemáticas, estratégias mais adequadas às suas potencialidades. É, contudo, fundamental ter uma ideia muito clara do que pretende avaliar-se, em função de um referente, utilizando instrumentos diversificados que permitam despistar áreas fortes e fracas, tal como o contexto em que essa avaliação se realiza, tendo consciência de que os resultados deste processo são sempre relativos. Se a identificação das necessidades educativas especiais, por um lado, é útil, por outro, pode ser estigmatizante, de acordo com um dos quatro dilemas apresentados por Norwich (1993, citado por Marchesi, 2001, p. 534), assim explicitado:

“Se as crianças têm dificuldades de aprendizagem e são identificadas e etiquetadas como tendo necessidades educativas especiais, então provavelmente vão ser tratadas diferentemente, desvalorizadas e estigmatizadas”; “Se as crianças que têm dificuldades na aprendizagem não são identificadas individualmente, então não haverá maneira de as identificar e encontrar recursos para elas”.

A partir de 2007, a identificação de crianças com necessidades educativas especiais passou a ser feita, por orientação do Ministério da Educação, tendo como referente a Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF).

A CIF é uma classificação multidireccionada tendo como alvo uma vasta gama de utilizações em diferentes sectores. Constitui uma classificação da saúde e dos domínios relacionados com a saúde – domínios esses que ajudam-nos a descrever as modificações que se operam nas funções e na estrutura do corpo, o que uma pessoa com

uma determinada condição de saúde pode fazer num ambiente padronizado (o seu nível de capacidade), assim como o que nesse momento faz no seu ambiente real (o seu nível de desempenho). Estes domínios são classificados tendo em conta a perspectiva do corpo, do indivíduo e da sociedade, recorrendo a duas listas: uma lista das funções e estrutura do corpo e uma lista dos domínios da actividade e de participação. Na CIF, o termo funcionalidade refere-se a todas as funções do corpo, actividades e participação, enquanto que, de modo similar, a incapacidade é um termo chave para deficiências, limitações da actividade e restrições de participação. A CIF engloba também uma lista de factores ambientais que interagem com todos estes componentes.

A lista dos domínios da CIF torna-se uma classificação quando os qualificadores são utilizados. Os qualificadores registam a presença e o grau de gravidade de um problema da funcionalidade aos níveis do corpo, da pessoa e da sociedade.

Para as classificações da função e da estrutura do corpo, o primeiro qualificador indica a presença de uma deficiência e, segundo uma escala de cinco pontos, o grau de deficiência da função ou estrutura (ausência de deficiência, deficiência ligeira, moderada, grave e completa).

Ora este documento, como o seu nome indica, provém da área da saúde e classifica, não avalia, pelo que a tendência da resposta a dar às crianças vai manter-se, muito provavelmente, à volta deste modelo de educação especial, dificilmente conciliável com os pressupostos da educação inclusiva, segundo os quais a escola é um lugar privilegiado de interacção de práticas de aprendizagens significativas, baseadas na cooperação e na diferenciação inclusiva. É justamente essa interacção que favorece as aprendizagens.

“A aprendizagem cooperativa é uma estratégia de ensino centrada na criança e no trabalho colaborativo em pequenos grupos, grupos que se organizam na base das diferenças dos seus membros – a diferença como um valor – e que recorre a uma diversidade de actividades, formas e contextos sociais de aprendizagem, para ajudar os alunos a, activa e solidariamente, crítica e reflexivamente, construir e aprofundarem a sua própria compreensão do mundo em que vivem” (Leitão, 2006, pag. 10).

2- A Inclusão

A palavra inclusão deriva do verbo incluir (do latim includere), no sentido etimológico, significa conter em, compreender, fazer parte de, ou participar de, Assim, falar em **inclusão** escolar é falar do educando que está contido na escola, ao participar daquilo que o sistema educacional oferece e, contribuindo com seu potencial para os projectos e programações da instituição. (Teixeira,2009)

O conceito de escola inclusiva veio, intensificar o direito de todas as crianças frequentarem o mesmo tipo de ensino e baseia-se no princípio de que os objectivos educacionais e plano de estudo são os mesmos para todos, independentemente das diferenças individuais de natureza física, psicológica, cognitiva ou social que possam surgir (Costa 1998).

Incluir é portanto um conceito centralizado na diferença por isso é centrada na sala de aula. A resolução de problemas é feita em colaboração, os educadores usam estratégias e a sala de aula favorece a adaptação e apoio.

“ (...) trata-se de desviar o foco da nossa atenção dos alunos para a centrar nas escolas, nos sistemas educativos e nas sociedades.” (Booth, citado em Louro, 2001 p.103)

É exactamente dentro da sala de aula que se encontram os obstáculos no que diz respeito á inclusão. Deste modo, nas escolas inclusivas, todas as crianças deverão aprender juntas, sendo para isso primordial:

- Desenvolver processos de adaptação perante os vários estilos e ritmos de aprendizagem;
- Criar e implementar currículos adequados à população escolar;
- Organizar a escola de forma a responder às necessidades de todos os alunos;
- Equacionar a escola de forma a responder às necessidades de todos os alunos;
- Desenvolver processos de cooperação/colaboração com a comunidade em que a escola se insere;
- Utilizar e rentabilizar recursos humanos e materiais existentes;

A escola é deste modo o sistema primordial para a inclusão e que exerce a sua função educativa pondo em causa o seu *“Empenhamento em receber todas as crianças, estruturando-se de forma a poder dar resposta adequada à diversidade dos alunos.”* (Louro, 2001p.103).

As escolas inclusivas são organizações diferentes para a resolução de problemas com uma missão comum que promove a aprendizagem para todas as crianças (Rouse e Florian,1996). E oportunidades, de forma a possibilitar que todas as crianças aprendam juntas, sempre que possível, independentemente das suas dificuldades ou diferenças, transforma dificuldades num *“factor de enriquecimento e um motor de desenvolvimento”* (Costa,1997,p.9).

Significa também ser um membro pleno de um grupo da mesma idade na escola da sua localidade, ter as mesmas aulas que os outras crianças e fazer sentir a falta quando não se está presente. Além disso, ter amigos que passem tempo com a pessoa fora da escola (Hall, 1996), isto é, um conjunto de princípios que assegure que a criança com uma deficiência seja considerada um membro válido e necessário da comunidade escolar em todos os aspectos (Uditsky,1993).

3- Definição e importância da Autonomia

O conceito de autonomia *“mistura-se com o de liberdade, consistindo na qualidade de um individuo de tomar as suas próprias decisões, com base na razão.*

Autonomia depende da diminuição de dependência dos pais e tem como ganho uma maior segurança em relação às próprias capacidades. Para que uma criança se torne autónoma ela necessita ser autorizada por seus pais a crescer e a desenvolve-se, o que nem sempre é fácil.

Os pais são a peça determinante na forma como os filhos irão avançar e relacionar-se com os desafios das suas vidas, e a autonomia é sem dúvida um destes desafios. Ela está diretamente ligada à auto-estima, pois uma criança autónoma sente-se capaz, tenta resolver seus problemas, (...) aprende, é capaz de relacionar-se ,de comunicar com outras pessoas e fazer escolhas.

O desenvolvimento da autonomia permite a construção de uma personalidade saudável e possibilitará o desenvolvimento da capacidade de resolver conflitos ao longo da vida.”

(Suertegaray,2014)

O desenvolvimento da autonomia inicia-se por volta dos dezoito meses, (Santos, 1999) e evolui ao longo da vida. Kamii (1990) afirma que a criança torna-se progressivamente mais autónoma à medida que cresce, no momento em que isto ocorre,

ela terá um mundo diferente, um mundo ao qual ela tem o direito de conhecer, sendo agente da construção do seu conhecimento nessa tarefa.

É neste processo que irá descobrir, juntamente com os seus educadores e colegas da sala, construir o seu conhecimento, não apenas a ouvir e a ver, mas tendo vivências, e na tomada de decisões, erradas e assertivas.

Ser autónomo intelectualmente remete-nos a pensar num cidadão crítico, ativo, que possui opinião própria. Agora, qual o papel da educação nesse quadro? A educação proporciona condições para o desenvolvimento da autonomia. Leva-nos a pensar, existem educadores capacitados e conscientes dessa importância?

Infelizmente, para Kamii (1990), nem todo educador sabe o que é autonomia e o porquê dela, mas, mesmo assim, procura e almeja que as crianças sejam autónomas.

Esta mesma autora faz referência a Piaget repetindo a importância que dá à autonomia das crianças:

“A autonomia como finalidade da educação é, num certo sentido, uma nova ideia que revolucionará a educação”. (Kamii, 1990).

Segundo a mesma autora, para Piaget a autonomia seria o relevante “fim” da educação, pois sendo autónomos as crianças podem buscar o conhecimento. O que na minha opinião não é verídico, o facto da criança ser autónoma e de descobrir por ela própria não quer dizer que não necessite de educação pelo contrário ser autónomo faz parte da educação.

Para conhecer o que está a sua volta a criança precisa ter comportamentos autónomos; e no espaço da sala de aula também o educador precisa compreender a importância de permitir que essa autonomia desenvolva e torne isso possível nas suas atitudes e no seu planeamento, provenientes da sua formação. (Meier, 2011)

A atitude do educador a forma como relaciona - se com as crianças, desempenha um papel fundamental neste processo. O processo de aprendizagem implica também que as crianças compreendam como o espaço está organizado e como pode ser utilizado e

que participem nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. O conhecimento do espaço, dos materiais e das atividades possíveis é também condição de autonomia da criança e do grupo. (Meier,2011)

A relação que o educador estabelece com cada criança, a forma como a valoriza e respeita, estimula e encoraja os seus progressos, contribuem para a auto-estima da criança e constituem um exemplo para as relações que as crianças estabelecerão entre si.

Este processo de construção de um autoconceito positivo supõe um apoio ao processo de crescimento em que a criança e o grupo vão tornando progressivamente mais independentes e autónomos.

Favorecer a autonomia da criança e do grupo assenta na aquisição do saber-fazer, indispensável à sua independência e necessário a uma maior autonomia, oportunidade de escolha e responsabilização (Meier e S. Garcia,2011).

A autonomia não é um comportamento isolado, que se resume só ao Eu, mas um comportamento de um grupo, que passa pelo Eu e compreende o todo. Trabalhar conscientemente com ela em sala de aula atende aos objectivos da educação que já existem, e nos faz propagar por objetivos mais claros e completos.

Adquirir independência significa, na educação pré-escolar, ir subjugando determinados saber-fazer (vestir-se, despir-se, lavar-se, comer e utilizar adequadamente os talheres e etc..., também ser capaz de utilizar melhor os materiais e instrumentos à sua disposição como por exemplo jogos, tintas, pinceis, lápis entre outros).

A independência das crianças e do grupo passa também por uma apropriação do espaço e do tempo que constitui a base de uma progressiva autonomia, em que vai aprendendo a escolher, a preferir, a tomar decisões e a encontrar critérios e razões para as suas escolhas e decisões. A construção de autonomia supõe a capacidade individual e coletiva de ir, progressivamente, assumindo responsabilidades. Este processo de desenvolvimento pessoal e social decorre de uma partilha do poder entre o educador, as crianças e o grupo. (Marcos Meier 2011)

A participação democrática na vida do grupo é um meio fundamental de formação pessoal e social. Esta participação permite construir uma autonomia coletiva que passa por uma organização social participada em que as regras, elaboradas e negociadas entre todos, são compreendidas pelo grupo, que se compromete a aceitá-las;

também a decisão coletiva sobre as tarefas necessárias ao bom funcionamento do grupo são equitativamente distribuídas, colaborando cada um para o bem-estar coletivo. Estas são vivências de valores democráticos, tais como a participação, a justiça, a responsabilização, a cooperação entre outros.

4- O papel da autonomia nas crianças com NEE

Para proporcionar à criança um meio favorável ao seu processo de desenvolvimento e educação, há que aceitar as suas necessidades específicas, porque só pela satisfação dessas necessidades a criança pode desenvolver, realizar e educar. As necessidades da criança são múltiplas e nem sempre são sucessivas, até podem ser simultâneas, sobrepondo-se e até mesmo contradizendo-se. Daí que seja necessário ter um mínimo de conhecimentos e capacidades para que esta tarefa tenha sucesso. A criança necessita de espaço, de possibilidades de acção e de segurança, cujos pilares afetivos são o amor, a compreensão e a liberdade. (Meier,2011)

Apesar de ser ao pé da família que a criança tem maiores possibilidades de encontrar um meio adequado ao seu desenvolvimento, uma família que desconheça as suas responsabilidades relativamente à criança pode fazer com que esta fique sobrecarregada de angústias e inibições, afetando o equilíbrio psíquico, o crescimento, o desenvolvimento e a maturidade. É de facto no ambiente que a envolve que a criança absorve os elementos que irão ajudá-la ao nível da coordenação psíquica e emocional.

Os pais e educadores de crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE) enfrentam inúmeros desafios, situações difíceis e circunstâncias com que os outros pais e educadores nunca iram ter. Com frequência, só quando a criança é mais velha e relaciona-se com outras da mesma idade é que as suas dificuldades tornam-se mais evidentes para os pais. Os profissionais sentem extrema dificuldade em orientar e apoiar os mesmos, quando estes recusam-se a admitir que o seu filho tem NEE. Por estas razões, é importante que os educadores estejam igualmente sensibilizados para os problemas dos pais e os ajudem a estabelecer objetivos académicos e sociais que sejam razoáveis e adaptados aos seus filhos. (Meier,2011)

Partilhando a opinião do mesmo autor, quando se trata de uma criança com NEE, a tendência é ser-se demasiado protector. Pais e educadores podem sentir uma necessidade de proteger a criança de qualquer fracasso ou rejeição. No entanto, desta forma estão apenas a manter a criança à margem de qualquer actividade que considerem arriscada e em que as dificuldades se tornem óbvias ou em que a criança possa experimentar algum fracasso. Tive um bom exemplo na sala de uma criança com NEE sem qualquer autonomia, devido à protecção excessiva dos pais, e foi com bastante persistência por parte do educador conseguirem incutir na criança alguma autonomia.

A protecção excessiva impede assim a existência de oportunidades para resolver problemas e tomar decisões, dificultando a autonomia e desenvolvimento da criança. Para que uma criança com NEE cresça e se desenvolva social e emocionalmente, é necessário que pais e educadores compreendam que ela não necessita de ser alvo de protecção redobrada, mas sim que essa protecção seja menos activa. O facto de ser menos protector permitirá que a criança seja autoconfiante e segura em si própria.

Os pais e os educadores precisam de desenvolver a consciência individual da criança, enfatizando as suas qualidades, pontos fortes e talentos que a tornam única. Desde que lhe seja dada oportunidade para tal, toda a criança com NEE pode dar o seu contributo na dinâmica familiar e escolar. (Meier, 2011)

5-O papel do Educador com crianças NEE

Sabemos que como qualquer outra criança, as crianças NEE necessitam, especialmente, de um bom ambiente geral, que seja estimulante em casa e na escola. É urgente a necessidade da mesma ser estimulada desde os seus primeiros anos de vida através de programas de intervenção precoce. Assim sendo, cabe aos pais e educadores da criança a função de estimulá-la por meio de actividades lúdicas, visando a aprendizagem de habilidades mais complexas (Meier, 2011)

Além de um ambiente enriquecedor e estimulante, cheio de bom senso e sem ansiedade, a criança também necessita de realizar um trabalho sistemático e bem estruturado que ajude a organizar bem a informação e a preparar-se para posteriores aquisições mais complexas ao longo do seu crescimento. O educador deve organizar

muito bem, fazendo-o com criatividade, flexibilidade, respeito, exigência e acima de tudo alegria.

A criatividade é vital uma vez que estas crianças devem repetir muitas vezes os exercícios para que consigam interiorizar e entender conceitos. Jamais se deve desperdiçar um momento de criatividade da criança, mas antes estimulá-lo, sem perder de vista os objetivos. O educador deve recorrer a materiais adequados e estimulantes, bem como também utilizar várias técnicas, como por exemplo, os materiais audiovisuais. Tem que ser flexível, isto é, se necessário, fazer um ajustamento do tipo de tarefa a realizar, a fim de reforçar determinados conceitos. É fundamental ser observador e saber interpretar todos os sinais que a criança emite, de forma a seguir uma direção (Meier,2011).

A flexibilidade resulta dos dados observados pelo educador e da sua capacidade de adaptação à criança. Este deverá estar atento aos sinais que a criança emite, saber interpretá-los e adaptar-se a eles. A criança ao demonstrar um interesse por um material ou atividade, o educador deve ajustar o seu trabalho para que a criança perceba que os seus desejos são muito importantes. Nunca se deve desperdiçar o momento de iniciativa e de criatividade da criança, mas sim estimulá-los sem perder de vista os objetivos. O educador deve também estar atento a outro tipo de sinais menos explícitos, que lhe servirão para modificar o seu trabalho. O mesmo deve recusar esquemas rígidos e intransigentes previamente estipulados. (F. Ladeira e I. Amaral,1999)

Quanto ao respeito, deve ser algo evidente e estar sempre presente entre o educador e a criança. O respeito deve ser demonstrado de ambas as partes. Isto pressupõe que o educador não pode demonstrar, habitualmente, impaciência e frustração, ainda que o processo seja muito lento. A criança deve captar o desejo sincero que o seu educador tem de o ajudar respeitando as suas dificuldades.

É difícil saber quanto se pode exigir, porque é frequente que a criança, consciente dos seus problemas e com experiências negativas de fracasso, se auto proteja perante dificuldades que teme. Frequentemente, mostrará níveis de incompetência que não são reais, pois será o educador, como bom conhecedor da criança e das suas possibilidades, que deve saber até onde deve ir (Meier,2011).

A alegria pressupõe o bom humor habitual nas relações com a criança. O educador deve transmiti-la e partilha-la com a criança. É preciso que exista muita confiança entre o educador e a criança sob um clima de progresso.

A aprendizagem deve ser um desafio estimulante e positivo, tanto para o educador como para a criança.

É importante que estas crianças não se sintam desmotivadas e para que isso aconteça, o educador tem que atuar nesse sentido e não menos importante, tem que delinear os objetivos a atingir, as etapas a alcançar e proporcionar os materiais adequados, avaliando sempre os passos intermédios que a criança vai atingindo.

Ao trabalhar com estas crianças, o educador não poderá esquecer, que deve ser exigente, primeiro consigo próprio, na preparação dos materiais, e depois da exigência à criança, nunca lhe pedindo mais do que aquilo que ela pode dar. O nível de trabalho esperado deverá ser proporcional à capacidade da criança.

Deste modo aprendizagem será ainda mais eficaz se o educador permitir que parta da criança, sendo esta o primeiro agente do seu desenvolvimento, dos seus interesses, quer dizer, se as aprendizagens forem significativas. Estas últimas centram-se na criança, nas suas necessidades reais, interesses, desejos e aspirações. (Meier e S. Garcia,2011)

Partir do interesse da criança, seguindo o seu ritmo de aprendizagem o educador deve privilegiar os aspetos emotivos e afetivos da aprendizagem, tendo como base a relação interpessoal, ou seja, a interação. Essa interação com os outros, com o mundo e com os objetos realiza-se na ação no saber fazer.

A criança, dos três aos seis anos, realiza-se por e pela ação, a sua expressão é a sede de agir. Antes da necessidade de falar, tem a de atuar.

Para Dewey (2002) a escola não é uma preparação para a vida, ela é a própria vida. Privilegiar a experiência, e sobretudo a experiência no quadro social, apropriando-se de elementos do meio e aprender fazendo. Ainda segundo o mesmo autor, existem dois grandes objetivos gerais na educação pré-escolar, sendo eles, o desenvolvimento pessoal e desenvolvimento social. Tratando-se então da afirmação das capacidades latentes da criança, que elas sejam exercitadas, ajudando-a assim a atingir o seu ideal, e para que isso aconteça, o papel do educador é fundamental.

Torna-se assim indispensável analisar com mais rigor e minúcia o papel do educador no processo de ensinar, principalmente no que diz respeito à sua qualificação, para lidar com uma vasta diversidade de necessidades trazidas por cada uma destas crianças com necessidades educativas especiais.

6-Estratégia de Intervenção Pedagógica para crianças com NEE

Um dos problemas com que os, profissionais de educação, se confrontam quando se deparam com crianças com NEE na sala de aula é, para além da necessidade de se inteirarem da problemática específica de cada caso, que tipo de atividades poderão proporcionar, por forma a desenvolver o seu potencial de forma inclusiva e integradora. Nesse sentido, é essencial adequar estratégias para promover o desenvolvimento integral do aluno com NEE. Como tal, descreve-se uma série de possíveis estratégias de ensino para as diferentes áreas de intervenção, que poderão ser adaptadas de acordo com as necessidades individuais de cada aluno com NEE.

6.1 Estratégias para desenvolver a Socialização

- Facilitar o contacto com diferentes alunos, promovendo o convívio entre os mesmos: na sala de aula, no recreio, no bar, no ginásio, etc.
- Visitar outras escolas, assim como outros locais onde se propicie o contacto com diferentes pares.
- Deixar o aluno explorar objetos, alimentos e pessoas.
- Organizar atividades que desenvolvam o contacto e o convívio.
- Integrar os alunos com NEE nas saídas ao exterior, nomeadamente: visitas de estudo, visitas de carácter recreativo e cultural.
- Proporcionar atividades que facilitem o alargamento de experiências, em diferentes ambientes, tais como: visitar locais da comunidade, ir às compras, café, mercado, etc.
- Ter mais um adulto dentro da sala de aula, a fim de facilitar participação/interação dos aluno com NEE no grupo.
- Ensinar/ estimular a criança a aproximar-se e a tocar nos outros.

- Realizar actividades práticas/ funcionais na comunidade, tais como: ir à biblioteca, levar uma carta ao correio, pagar a água, etc.
- Organizar atividades em que haja a participação de diferentes adultos ou crianças nas atividades do grupo.
- Envolver encarregados de educação e as famílias neste processo, convidando-os a organizar atividades, a colaborar no processo ensino-aprendizagem do aluno, cooperar nas deslocações, auxiliar na organização das atividades, etc.
- Reduzir os tempos e duração de algumas atividades, de forma a aumentar o nível de participação dos alunos.
- Construir rotinas de apoio de modo a que os colegas possam colaborar e participar na adaptação do aluno multideficiente às atividades na sala de aula.
- Realizar intercâmbios com outras escolas, instituições e outras entidades, a fim de promover a interação com diferentes pessoas e diferentes ambientes.
- Utilizar os meios de comunicação pessoal para promover a socialização, como a Internet, telefone, correios, etc.

6.2 Estratégias para desenvolver a Comunicação

- Criar atividades diversificadas que propiciem a informação e originem a necessidade de comunicar - variando os espaços, as atividades, falar de temas de acordo com os seus interesses, etc.
- Identificar os parceiros com quem comunica através do nomes, dum gesto ou de um objeto de referência - apresentar as crianças uma às outras, colocar questões ao grupo acerca das presenças e ausências, estabelecer uma rotina clara e com consequências das ações, dizer o nome da crianças para obter a sua atenção, etc.
- Estruturar as ações no tempo de forma sistemática - lavar as mãos antes de comer, vestir o casaco antes de ir para casa, etc.

- Organizar o calendário do tempo onde se indiquem as ações diárias e a sua sequência, utilizando desenhos, objetos e escrita, de acordo com as capacidades do aluno.
- Ter formas de comunicação variadas de acordo com as capacidades do aluno e para que todos os presentes entendam - representar a mesma atividade de diversas formas, colocar a mão da criança sobre a sua para que esta sinta o que está a realizar e se sinta motivada para imitar, etc.
- Construir tabuleiros com diferentes texturas (para usar como calendários, por ex.).
- Tomar atenção às formas de resposta do aluno (como: movimentos corporais, expressões, posturas, respirações, etc.).
- Dar tempo para que a criança responda às iniciativas propostas.
- Responder ao aluno de acordo com a situação, uma vez que determinados gestos são repetidos, mas dependendo da hora, da situação e do contexto nem sempre querem dizer o mesmo - apontar para a rua de manhã pode significar ir passear, se for ao final do dia, pode significar que está a chegar alguém para o levar a casa, por ex.
- Diversificar os contextos e parceiros de comunicação - levá-lo à sala de aula, ao recreio, etc.
- Levar o aluno a pedir materiais em função das atividades propostas, estimulando assim a comunicação - ao almoço não lhe dar o copo com água, não colocar o talher, etc.
- Responder de forma positiva a todas as formas e tentativas de comunicação - incentivar, dar pistas.
- Dar informação verbal acerca da atividade que a criança realiza, utilizando sempre a fala em conjugação com outras formas de comunicação.
- Mediar a quantidade de informação e a forma como é transmitida à criança, uma vez que muita informação e mal estruturada podem ser motivo de confusão e mesmo de desmotivação para a criança.

6.3 Estratégia para desenvolver a Autonomia

- Promover a participação dos alunos de forma parcial, ou seja, dar a possibilidade ao aluno de realizar alguns passos da tarefa, com ou sem ajuda, na ausência da capacidade de realização da mesma.
- Comer sozinho (ou com pouca ajuda).
- Diversificar os ambientes de realização das tarefas.
- Realizar as atividades de higiene, como lavar a cara, as mãos, tomar banho, lavar os dentes.
- Ter formas de comunicação que lhes permitam chamar a atenção, pedir ajuda, recusar ou pedir mais.
- Deslocar-se com pouca ajuda em espaços da sua rotina diária.
- Conhecer os espaços onde se desloca e move, assim como as pessoas que os compõem, com a escola, casa e comunidade.
- Trabalhar a independência no uso da casa de banho (ser o mais independente possível e pedir ajuda quando não consegue ser autónomo).
- Visitar espaços da comunidade envolvente a fim de os conhecer e relacionar.
- Proporcionar actividades que facilitem o alargamento de experiências, em diferentes ambientes, como: visitar locais da comunidade, ir às compras, café, mercado, ir à biblioteca, levar a carta ao correio, pagar a água.
- Utilizar meios de comunicação pessoal para promover o desenvolvimento da autonomia, como Internet, telefone, correios, etc.

6.4 Estratégias de Estimulação Sensorial

- Proporcionar área de segurança para a aprendizagem e para a brincadeira.
- Criar um ambiente controlado e pouco confuso onde o aluno possa aprender e concentrar-se nas atividades propostas.
- Arrumar os materiais e objetos em locais próprios, desenvolvendo a orientação e a consistência ambiental.

- Utilizar materiais/ objetos de diferentes texturas, tamanhos, formas, pesos, etc
- Aplicar objetos da vida diária.
- Usar *little room* ou pequenos ginásios onde o aluno possa desenvolver as suas capacidades e habilidades.
- Empregar materiais que ativem e desenvolvam os sentidos: visual, auditivo, olfativo, táctil e gustativo do aluno (como o uso de objetos produtores de vibrações, ressonâncias, ritmos, pesos e temperaturas para desenvolver estes sistemas sensoriais).
- Aplicar pistas sonoras e tácteis que permitam encontrar objetos ou explicação para algumas situações.
- Usar texturas secas, húmidas e molhadas.
- Realizar actividades de estimulação sensorial em ambientes controlados e mudá-los gradualmente para ambientes naturais.
- Organizar atividades rotineiras a fim de proporcionar experiências sensoriais e encorajar a sua utilização em situações específicas.
- Deixar o aluno explorar objetos, alimentos e pessoas.
- Tocar primeiro a mão do aluno antes de apresentar o objeto.
- Apresentar primeiro as texturas nas costas da mão do aluno e só depois na palma da mão.
- Apresentar objetos/ materiais nas partes do corpo da criança menos sensíveis (joelhos, cotovelos e ombros).
- Ensinar/ estimular o uso das mãos como ferramentas de exploração e experimentação.
- Permitir que os objetos estejam ao alcance do aluno.
- Efectuar a estimulação sensorial de forma cuidada, sistemática e gradual (para não criar confusão ao aluno).
- Explorar objetos/ materiais em conjunto com o aluno (mostrar como se segura, utiliza e explora os objetos).
- Ensinar/ estimular a criança a aproximar-se e a tocar nos outros.

6.5 Estratégias para desenvolver a Motricidade

- Realizar atividades variando os espaços de realização das mesmas.
- Aproveitar materiais/ equipamentos que permitam o trabalho de habilidades motoras, como: puxar, largar objectos.
- Utilizar materiais estimuladores e diversificados.
- Realizar atividades que promovam e desenvolvam a consciência do próprio corpo, a lateralidade, coordenação geral, o equilíbrio, organização do esquema corporal e organização espacial.
- Realizar atividades que auxiliem o desenvolvimento da motricidade fina e grosseira.
- Ter em conta os posicionamentos da criança (recorrer à ajuda de um terapeuta ocupacional ou fisioterapeuta, se necessário).
- Realizar atividades de carácter individual e em grupos.
- Planificar atividades tendo em conta as capacidades e as limitações do aluno, realizando as devidas adaptações, assim como as progressões pedagógicas.

6.6 Estratégias para desenvolver a Cognição

- Utilização do jogo como instrumento de desenvolvimento da cognição: esconder objetos pode ensinar à criança que os objetos permanecem; despejar o conteúdo de uma caixa pode aprender a relação causa-efeito; empilhar peças pode aprender a relacionar forma, tamanho, etc.
- Utilizar as rotinas diárias significativas para a criança como momento de aprendizagem.
- Proporcionar à criança experiências significativas, organizadas e diversificadas.
- Proporcionar atividades onde o princípio, meio e fim sejam claros e onde ambos (aluno/ professor) possam realizá-la em conjunto.
- Proporcionar espaços seguros para a aprendizagem e para a actividade lúdica.
- Dar oportunidade ao aluno de experimentar várias situações onde tenha controlo sobre o seu ambiente.

- Garantir a generalização das aprendizagens realizadas com todas as situações significativas.
- Criar um ambiente controlado e pouco confuso, onde o aluno possa aprender, praticar e concentrar-se nas atividades propostas.
- Aplicar jogos/ objectos/ materiais que propiciem o desenvolvimento da cognição.
- Definir dentro do ambiente do aluno diferentes áreas de realização de atividades.
- Arrumar os materiais e objectos em locais próprios, desenvolvendo a orientação e a consistência ambiental.
- Utilizar materiais/ objetos de diferentes texturas, tamanhos, formas, cores, pesos, etc.
- Deixar o aluno explorar objetos, alimentos e pessoas.
- Permitir que os objetos/ materiais estejam ao alcance do aluno.
- Use objetos simples de forma a facilitar a sua exploração por parte da criança e que sejam significativos para ela.
- Garantir que a informação fornecida e as competências a desenvolver sejam úteis e contribuam para aumentar a sua independência na vida futura.
- Motivar o aluno para a aprendizagem e saber qual o tipo de esforço mais efetivo para a criança (prémio social, comida, brinquedo preferido...).
- Conhecer as condições para a criança aprender, assim como as estratégias que esta utiliza para explorar o seu ambiente.

(Este texto foi baseado na enciclopédia de educação infantil “*Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar*”, Nova presença, 1997)

Cap. II: Enquadramento Empírico

1- Problemática

A proteção excessiva impede assim a existência de oportunidades para resolver problemas e tomar decisões, dificultando a autonomia e desenvolvimento da criança.

Para que uma criança com NEE cresça e desenvolva social e emocionalmente, é necessário que os educadores compreendam que ela não necessita de ser alvo de proteção redobrada, mas sim que essa protecção seja menos activa. O facto de se ser menos protetor permitirá que a criança seja mais autoconfiante e segura em si própria.

(Marcos Meier,2011)

2- Questão de partida

Deste modo a questão de partida será:

Quais as estratégias de intervenção a utilizar em crianças NEE, no desenvolvimento da autonomia em ambiente pré-escolar?

Como é que o trabalho educativo do Educador de Infância pode favorecer ou não o processo de conquista da autonomia na criança com NEE e levar ao sucesso escolar, visa pesquisar a autonomia em crianças com NEE nas dimensões pedagógicas, pretendeu-se analisar a existência, a carência, os obstáculos e os benefícios da autonomia, compreender o processo de conquista da mesma (estratégias) e como a sua ausência poderá prejudicar o desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Educador de Infância, NEE, Estratégias de Intervenção Pedagógica, Autonomia.

3- Perguntas orientadoras

A análise e reflexão acerca da temática em estudo e os objetivos definidos para a presente investigação levam-nos a colocar as seguintes questões, às quais procuraremos responder:

- Qual a perceção que os Educadores de Infância possuem acerca da Autonomia?
- Quais as funções que atribuem ao desenvolvimento da Autonomia?
- O que pensam acerca da autonomia, na Educação Pré-Escolar?
- Quais as expectativas dos docentes da Educação Pré-Escolar quanto ao desenvolvimento da autonomia: funções, modo de actuação no contexto de trabalho, atitudes, procedimentos do Educador e dificuldades?
- Quais as habilitações académicas/profissionais adequadas para desenvolver a autonomia em crianças com NEE?
- Estratégias utilizadas para desenvolver a autonomia em crianças com NEE?

4-Objectivos:

4.1- Objectivo Geral:

- Aferir quais as estratégias mais utilizadas pelos educadores no desenvolvimento da autonomia.

4.2-Objectivos Específicos:

- Compreender o papel do educador no processo de desenvolvimento da autonomia.

- Conhecer quais as estratégias utilizadas no desenvolvimento da autonomia.
- Avaliar os benefícios das estratégias no desenvolvimento da criança/ Perceber a contribuição dessas estratégias para o futuro da criança.
- Alcançar as razões que levam os educadores a adotar essas estratégias.
- Diferenciar metodologias específicas de ensino/aprendizagem.
- Identificar estratégias de apoio à promoção de autonomia nos diferentes contextos.

5-Metodologia de Investigação

Neste capítulo, será feita uma abordagem teórica à investigação qualitativa em educação, recaindo particularmente no estudo de caso. Posteriormente, será realizado uma breve descrição dos participantes na investigação. São ainda referenciadas as estratégias de recolha de dados durante a investigação, nomeadamente análise documental, Inquérito por questionário e Inquérito por entrevista.

5.1 Pesquisa Qualitativa

As interpretações sobre o que é a pesquisa qualitativa são muito variadas, e atualmente dá-se preferência a chamada abordagem qualitativa (Oliveira 2007). Neste sentido a abordagem qualitativa é um processo de reflexão e análise, por meio de um emprego de método e técnica para a melhor compreensão do objeto inserido em seu contexto. Esses procedimentos requerem observações, aplicação de questionário, entrevistas e análise de dados representada sempre de forma descritiva (Godoy,1995).

Segundo Martinelli (1999), nas pesquisas de abordagem qualitativa todos os fatos e fenómenos são significativos e fundamentais e devem ser trabalhados por meio das principais técnicas: entrevista, observações, análise de conteúdo, estudo de caso e estudos etnográficos.

Deve ser usada quando desejamos entender detalhadamente o porque que um indivíduo faz determinada coisa. Costuma ser usada para averiguar a "lógica de compra", ou seja, a explicação do porque um indivíduo compra um produto ou serviço ou produto específico, neste caso o porque de utilizar determinada estratégia, por exemplo. Esta é a base para identificar determinados segmentos como por exemplo identificar grupos de pessoas que comprem ou agem pelos mesmos motivos e razões.

A pesquisa qualitativa é particularmente útil como uma ferramenta para determinar o que é importante e porque é importante. Esse tipo de pesquisa fornece um processo a partir do qual questões-chave são identificadas e perguntas são formuladas, descobrindo o que importa para determinados grupos e porquê.

Este tipo de pesquisa também é usado para identificar a extensão total de respostas ou opiniões que existem em uma determinada população. A pesquisa qualitativa ajuda a identificar questões e entender porque elas são importantes. Com este objetivo em mente, também é importante trabalhar com uma amostra heterogênea de pessoas enquanto se conduz uma pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa revela áreas de consenso, tanto positivo quanto negativo, nos padrões de respostas. Ela também determina quais as ideias que determinam uma forte reação emocional. Além disso, é especialmente útil em situações que envolvem o desenvolvimento e aperfeiçoamento de novas ideias.

Não se deve usar pesquisa qualitativa quando o que se espera é saber quantas pessoas irão responder de um determinada forma ou quantas terão a mesma opinião. A pesquisa qualitativa não é projetada para recolher resultados quantificáveis. Depois de descobrir porque uma pessoa poderia comprar, agir ou responder de determinada forma, é relativamente fácil contar quantas pessoas pensam da mesma forma, através da pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa costuma ser seguida de um estudo quantitativo.

Nos dados qualitativos - a matéria-prima produzida por estes métodos - consistem em descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações, comportamentos observados; citações diretas das pessoas acerca de suas, experiências, atitudes, crenças e pensamentos; e extratos ou passagens inteiras de documentos, registros de correspondência e históricos de casos.

Os dados são coletados sem que se tente enquadrar as atividades institucionais ou as experiências das pessoas em categorias pré-determinadas e padronizadas, tais como as escolhas de respostas que compõem os questionários ou testes típicos (Quinn Patton, 1986).

A pesquisa qualitativa é geralmente associada à pesquisa exploratória interpretativa, enquanto a pesquisa quantitativa é associada a estudos positivistas confirmatórios (Wildemuth, 1993). Normalmente a pesquisa qualitativa é associada a dados qualitativos, abordagem interpretativa e não experimental, análise de caso ou conteúdo. (Patton, 1980)

Deste modo partindo de uma metodologia qualitativa defino com objeto de pesquisa a autonomia das crianças com NEE na dimensão pedagógica, para isso realizei um levantamento bibliográfico sobre o tema principal, focaliza-se na compreensão do processo de conquista da autonomia em crianças com NEE tendo como base um estudo de caso (averiguar que tipo de estratégias as educadoras dessa instituição utilizam para desenvolver a autonomia em crianças com NEE e o porquê). Estas práticas educativas irão ser também analisadas, pelas atitudes que os educadores tenham para com as crianças através de um complemento, a entrevista, esta tem como objetivo revelar-se como uma técnica de investigação adequada ao estudo e compreensão das atitudes/estratégias utilizadas.

5.2. O estudo de caso

O estudo de caso é um estudo de natureza empírica que investiga um determinado fenómeno, geralmente contemporâneo, dentro de um contexto real de vida, quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto em que ele se insere não são claramente definidas. Trata-se de uma análise aprofundada de um ou mais objetos (casos), para que permita o seu amplo e detalhado conhecimento (Gil, 2000).

Seu objetivo é aprofundar o conhecimento acerca de um problema não suficientemente definido (Mattar, 1996), visando estimular a compreensão, sugerir hipóteses e questões ou desenvolver a teoria.

Os estudos de casos podem ser classificados segundo (Yin, 2001; Voss et al., 2002): com o seu conteúdo e objetivo final (exploratórios ou descritivos) ou quantidade de casos (caso único – holístico ou incorporado ou casos múltiplos – também categorizados em holísticos ou incorporados). A principal tendência em todos os tipos de estudo de caso, é que estes tentam esclarecer o motivo pelo qual uma decisão ou um conjunto de decisões foram tomadas, como foram implementadas e com quais resultados foram alcançados (Yin, 2001).

A questão de quando se deve utilizar ou não este tipo de metodologia é respondida por Ponte (1991) quando refere que os estudos de caso se usam para compreender melhor a particularidade de uma dada situação ou um fenómeno em estudo. Por outro lado, um estudo de caso deve utilizar-se quando se pretende observar e descrever detalhada e aprofundadamente um determinado fenómeno (Merriam, 1988). Em síntese, esta investigação constitui um estudo de caso qualitativo na medida em que irá decorrer, com um número significativo de sujeitos (Educadores através das entrevistas e inquéritos) onde, a cada momento, surgiram novos aspetos importantes para investigar. Os métodos de recolha de dados, serão descritivos e pretendem identificar quais as atitudes dos educadores relativamente ao desenvolvimento da autonomia (estratégias) e reações das crianças perante essa mesma atitude, tentando compreender as suas preferências e dificuldades e relacionar essas mesmas estratégias.

5.2.1 Participantes e local da pesquisa

A pesquisa realizou-se num jardim de Infância privado com inclusão, foi necessário pensar como se constituem os mecanismos para a construção da autonomia que ali se processam. Os participantes foram vários educadores do pré-escolar do mesmo estabelecimento, neste caso 12. Com o intuito de verificar que tipo de estratégias utilizam para desenvolver a autonomia.

5.2.2 Caracterização da Instituição

São uma instituição com larga experiência de ensino, a qual corresponde ao grau mais elevado de exigência pedagógica. Procuram oferecer um espaço que corresponda em pleno aos anseios dos pais, na educação dos seus filhos e no apoio à vida familiar.

A instituição preocupa-se em estabelecer uma relação estreita com a família, com vista a proporcionar à criança um desenvolvimento harmonioso. Tem como missão melhorar as competências e capacidades dos alunos e perspetivar a aprendizagem segundo uma visão integrada, inovadora e centrada no aluno.

Privilegiam as relações interpessoais, a confiança, o respeito e o imperioso envolvimento de todos os que se interessam pela Educação e pela Felicidade das crianças. A instituição possui 7 casas de atividades e a maior parte delas com inclusão. Será neste caso uma boa fonte de investigação com o objetivo de compreender as estratégias utilizadas pelas diferentes educadoras no que diz respeito ao desenvolvimento da autonomia com crianças NEEs. A busca do conhecimento científico a ser investigado não se fará apenas com o objetivo de se chegar a um resultado, objetivo e exato. Pretende-se no entanto que o objeto de investigação seja refletido, pensado, analisado com a finalidade de constatar o que existe, o que falta, os benefícios e os obstáculos que a instituição e a família enfrentam para a conquista da autonomia.

5.2.3 Estratégias de recolha de dados

Tuckman (2000, p. 516) refere que as fontes de obtenção de dados que se podem utilizar num estudo de caso são normalmente de três tipos (observação, Entrevista e inquéritos), neste caso utilizei apenas dois:

- (1) Entrevista,
- (2) Reunião de documentos (inquéritos)

A recolha de dados neste estudo foi feita exclusivamente pelo investigador e num contexto escolar, baseando-se fundamentalmente como tinha referido: Em apenas 2 pontos, na entrevista, e na reunião de documentos (inquéritos).

5.2.3.1 Entrevista

Patton (1990) citado por Tuckman (2000, p. 517) refere que há três tipos de entrevistas que variam entre as que são totalmente informais ou de conversação e as que são altamente estruturadas e fechadas. As entrevistas qualitativas como refere Bogdan e Biklen (2000 pág. 135) variam quanto ao grau de estruturação, desde as entrevistas estruturadas até às entrevistas não estruturadas. No entanto, este autor refere ainda que as entrevistas semiestruturadas têm a vantagem de se ficar com a certeza de obter dados comparáveis entre os vários sujeitos.

Neste estudo, optei pela entrevista semiestruturada por parecer mais adequada neste contexto e por permitir maior segurança ao investigador. Estas irão ser conduzidas através de um guião onde se encontravam algumas questões gerais que poderão ser exploradas mediante as respostas dadas pelos educadores.

Neste contexto, Merton e Kendall (1946), referem que as entrevistas têm como principal objetivo recolher as principais impressões e opiniões no que diz respeito ao desenvolvimento da autonomia.

As entrevistas deverão ser administradas aos sujeitos num ambiente informal, descontraído e sem pressões, procurando sempre deixar as pessoas responderem à vontade. Biggs, (1986), citado por Bogdan e Biklen, (1994 p.136) refere a este propósito que as boas entrevistas caracterizam-se pelo facto de os indivíduos estarem à vontade e falarem livremente dos seus pontos de vista. Por outro lado, em todas as entrevistas, o investigador deverá colocar questões que exigissem alguma exploração de ideias. Como refere Bogdan e Biklen (1994,p.136) ...

“as entrevistas, devem evitar perguntas que possam ser respondidas “sim” e “não”, uma vez que os pormenores e detalhes são revelados a partir de perguntas que exigem exploração”.

A entrevista foi administrada a uma educadora de infância da Educação especial com o objetivo de ter uma melhor perceção das dificuldades sentidas ao utilizar determinadas estratégias.

Deste modo a entrevista baseou-se no seguinte guião...

6 - Guião da entrevista de investigação (Educadora de Educação Especial)

Este guia orientador das entrevistas foi organizado em blocos temáticos, cada um deles com objetivos específicos, um formulário orientador de questões e aspetos a explorar caso a inquirida não se referisse espontaneamente às questões. Assim o guião das entrevistas apresenta cinco blocos, cada qual com os seguintes objectivos:

Tema: O desenvolvimento da autonomia em crianças NEE

Objetivo Geral: Quais as estratégias mais utilizadas pelos educadores no desenvolvimento da autonomia.

Quadro nº 1 (guião da entrevista)

Blocos Temáticos	Objetivos	Questões	Notas
Bloco A - Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	<ul style="list-style-type: none">- Enquadrar a Entrevista;- Fornecer validade e fidelidade à entrevista;- Motivar o Entrevistado;- Garantir Confidencialidade.	<ul style="list-style-type: none">- Autoriza a gravação desta entrevista?- Deseja saber mais alguma coisa acerca deste trabalho? Tem alguma pergunta a fazer? <p>Após apresentação:</p> <ul style="list-style-type: none">- Tem alguma dúvida?	<ul style="list-style-type: none">- Fornecer os meus dados pessoais.- Elucidar o contexto do mestrado

Bloco B – Perfil do Entrevistado	- Caracterizar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a sua idade? - Quais as suas habilitações? 	<ul style="list-style-type: none"> - Ir dando ênfase a algumas situações para manter a motivação do entrevistado
Bloco C – Perfil dos alunos com NEE	- Caracterizar as crianças com NEE	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a importância da autonomia no trabalho com as NEE? - Quais os resultados adquiridos pelos Educadores no desenvolvimento com as NEE? - Em que moldes e como se deve estruturar o desenvolvimento da autonomia de maneira a esta trazer benefícios para a criança? 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber a ligação com os alunos
Bloco D – Inclusão de crianças com NEE no Jardim de Infância	<ul style="list-style-type: none"> - Saber como os NEE são integrados no jardim de Infância. - Perceber se existe inclusão na sala. 	<ul style="list-style-type: none"> - Que tipo de preparação específica têm como Educadores para lidarem com as NEE? - Como promover a participação efectiva destas crianças no jardim de Infância? - A parte social e motivacional das crianças tem um papel fundamental na qualidade de vida de uma criança com uma NEE? 	<ul style="list-style-type: none"> - Tentar que as respostas sejam directas, não deixando o entrevistado entrar no próximo bloco.

		<p>- Acha possível e pertinente a inclusão e o desenvolvimento da autonomia de NEE consideradas graves na sala?</p> <p>- Quais as capacidades que acha mais pertinente um profissional de trabalhar na sala com crianças com NEE no desenvolvimento da autonomia?</p>	
<p>Bloco E – Conhecer as maiores dificuldades e estratégias aplicadas para o desenvolvimento da autonomia.</p>	<p>- Perceber a dificuldade de integrar, incluir e desenvolver a autonomia com as crianças com NEE na sala.</p> <p>- Começar a encontrar algumas possíveis estratégias para o desenvolvimento da autonomia com crianças NEE.</p>	<p>- Quais as maiores dificuldades sentidas ao incentivar a autonomia?</p> <p>- Utiliza algumas estratégias para as crianças com NEE na sala?</p>	

6.1 Protocolo da entrevista à Educadora de Infância com especialidade em crianças com NEE

Quadro nº 2 (Perguntas da entrevista)

- 1) Que idade tem?
- 2) Em que ano concluiu a sua formação inicial e qual a sua duração?
- 3) Que qualificações académicas possui?

4) Há quantos anos leciona?
5) Há quanto tempo está neste jardim de Infância?
6) Que aspetos positivos destaca da sua experiência profissional com crianças NEE?
9) Qual a importância da autonomia no trabalho com as NEE?
10) Quais os resultados adquiridos pelos Educadores no desenvolvimento com as NEE?
11) Em que moldes e como se deve estruturar o desenvolvimento da autonomia de maneira a esta trazer benefícios para a criança?
12) Que tipo de preparação específica têm como Educadores para lidarem com as NEE?
13) Como promover a participação efectiva destas crianças no jardim de Infância?
14) A parte social e motivacional das crianças tem um papel fundamental na qualidade de vida de uma criança com uma NEE?
15) Acha possível e pertinente a inclusão e o desenvolvimento da autonomia de crianças com NEE consideradas graves na sala?
16) Quais as capacidades que acha mais pertinente um profissional trabalhar na sala com crianças com NEE no desenvolvimento da autonomia?
17) Quais as maiores dificuldades sentidas ao incentivar a autonomia?
18) Utiliza algumas estratégias para as crianças com NEE na sala? Quais?

7. Tratamento de dados

Segundo Wolcott, (1994) (citado por Vale, 2004) revela três momentos fundamentais durante a fase de análise de dados: descrição, análise e interpretação:

- A descrição diz respeito à escrita de textos consequentes dos dados originais registados pelo investigador.

- A análise é um processo de organização de dados, onde se devem evidenciar os aspetos essenciais e identificar fatores chave.
- Por último, a interpretação diz respeito ao processo de obtenção de significados e relações a partir dos dados obtidos.

Partilhando a mesma opinião, temos Miles e Huberman (1994), (citados por Vale, 2004) propõem um modelo de análise na investigação qualitativa que consiste em três etapas: a redução dos dados, a apresentação dos dados e as conclusões/ verificação.

Partindo dessas duas opiniões, o início do estudo, começou-se por analisar o conteúdo dos Inquéritos de caracterização dos Educadores de Infância, com o objetivo de caracterizar e melhor conhecer ao nível da sua personalidade, hábitos e características pessoais ou seja, a redução dos dados correspondeu ao processo de selecionar, simplificar e organizar todos os dados obtidos (através dos inquéritos, entrevistas e conversas informais), durante a investigação.

A apresentação dos dados ocorreu sobre o momento em que a informação foi organizada e compactada para assim o investigador poder ver rápida e eficazmente o que se passou no estudo, foi elaborado um resumo das estratégias utilizadas, bem como as principais dificuldades encontradas pelos educadores nas salas. Após o resumo foram transcritos e analisados os resultados dos inquéritos (questionário individual e a entrevista a uma educadora da Educação Especial com um grupo de crianças todas elas com NEE).

Por último correspondeu à extração de conclusões de toda a informação recolhida, organizada e compactada, que esteve dependente da quantidade de notas tiradas, dos métodos usados e, principalmente, da experiência do investigador neste campo, observou-se toda a informação compactada, elaborou-se quadros síntese e gráficos da informação, para chegar a conclusões fundamentadas em forma de narrativa que pretendeu-se ser esclarecedora para o leitor.

A análise dos dados estará sempre relacionada com as questões levantadas e estabelecidas no início do estudo.

Em síntese e baseando-se nos autores em cima referenciados por Vale 2004, e adequando-os ao presente estudo de investigação, pode-se referir que a descrição corresponde à escrita de textos resultantes dos inquéritos das Educadoras durante a

investigação, a análise corresponde ao resumo dos inquéritos, e a interpretação dos resultados foi obtida através de resumos finais baseados na análise dos dados.

Na análise dos dados, tornou-se necessário ler várias vezes todos os documentos obtidos, nomeadamente as notas de campo e fazer a transcrição de todos os registos, para ter assim uma visão completa e abrangente sobre o assunto. O material recolhido ao longo da investigação (questionários e entrevistas) será organizado e colocado em anexo, como já se tinha referido.

7.1-Estratégias pedagógicas e calendarização das atividades

Para a realização deste estudo utilizou-se várias estratégias pedagógicas, uma delas foi a elaboração de questões de partida e os instrumentos utilizados (como podemos observar no quadro 3)

Quadro nº 3 (resumo das questões orientadoras da Investigação e instrumentos da recolha de dados)

Questões orientadoras da investigação	Instrumentos da recolha de dados
<ul style="list-style-type: none">• Qual a perceção que os Educadores de Infância possuem acerca da Autonomia?• Quais as funções que atribuem ao desenvolvimento da Autonomia?• O que pensam acerca da autonomia, na Educação Pré-Escolar?• Quais as expetativas dos docentes da Educação Pré-Escolar quanto ao desenvolvimento da autonomia: funções, modo de atuação no contexto de trabalho, atitudes, procedimentos do Educador e dificuldades?• Quais as habilitações	<ul style="list-style-type: none">• Inquéritos (questionário de caracterização, questionário desenvolvimento da autonomia e estratégias utilizadas)• Entrevista (A uma educadora especializada em NEES e com um grupo de crianças com diferentes NEEs)

académicas/profissionais adequadas para desenvolver a autonomia em crianças com NEE? <ul style="list-style-type: none"> Estratégias utilizadas para desenvolver a autonomia em crianças com NEE? 	
--	--

Como se pode observar no quadro, as questões de orientação da investigação incidiram essencialmente no modo como as educadoras desenvolvem a autonomia e que tipo de estratégias utilizam para esse efeito, com o intuito de recolher as informações que possibilitassem dar resposta a estas questões.

Quadro nº 4 (Momentos do estudo, cronograma)

Momento do Estudo	Instrumentos de Recolha de dados utilizados	Calendarização
<ul style="list-style-type: none"> Fase Inicial do estudo 	Entrevista a educadora de ensino especial sobre estratégias de autonomia	Maio de 2014
<ul style="list-style-type: none"> Recolha de dados para a investigação 	Inquéritos aos Educadores de Infância e conversa informal com os mesmos sobre a caracterização das crianças com NEEs e o papel da família. 	Junho e Julho 2014
<ul style="list-style-type: none"> Fase Final do estudo (avaliação da documentação, atitudes das crianças e 	<ul style="list-style-type: none"> Entrevista Inquéritos 	
		Julho a Setembro 2014

Educadores, conhecimentos adquiridos e análise da documentação obtida.		
--	--	--

Capítulo III: Apresentação e discussão dos resultados

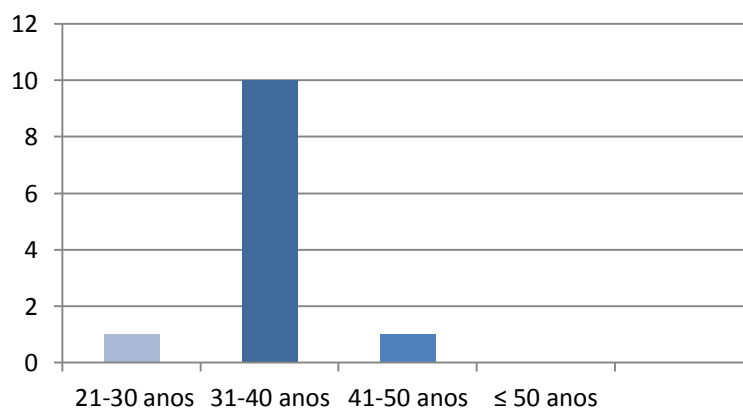
Para se proceder à recolha e análise de dados deste estudo, foram elaborados instrumentos de recolha de dados, de acordo com os objectivos propostos. Os dados recolhidos são aqui apresentados de forma a serem posteriormente analisados.

1 -Apresentação dos resultados

Os inquéritos foram realizados junto de vários educadores de Infância, pertencentes à mesma instituição, durante os meses de Maio, Junho e Julho. Responderam aos inquéritos 12 Educadores. A amostragem foi aleatoriamente simples.

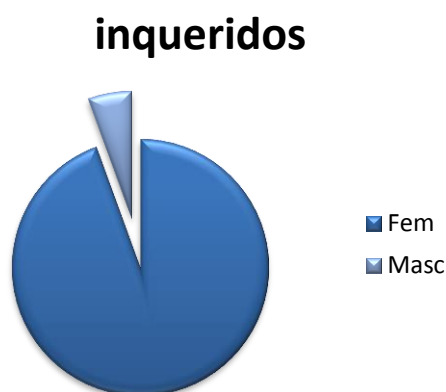
I parte- Caracterização/Situação dos sujeitos em relação a:

Gráfico nº 1: Idade



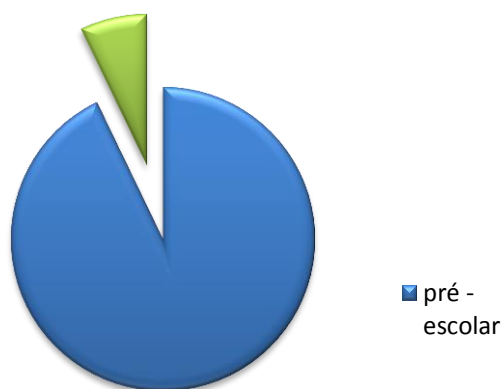
Neste gráfico podemos observar a distribuição por idades, dos Educadores inquiridos. 10 dos respondentes ao inquérito têm entre 31 a 40 anos e apenas 1 tem entre 21- 30 anos e 1 com a idade compreendida entre os 41- 50 anos.

Gráfico nº2: Sexo



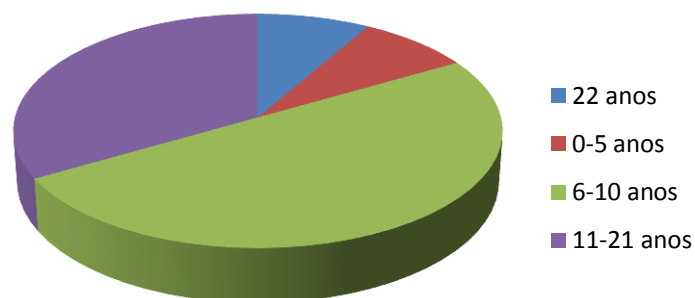
Podemos observar que dos 12 Educadores, apenas 1 pertence ao sexo masculino.

Gráfico nº3: Ciclo de Ensino



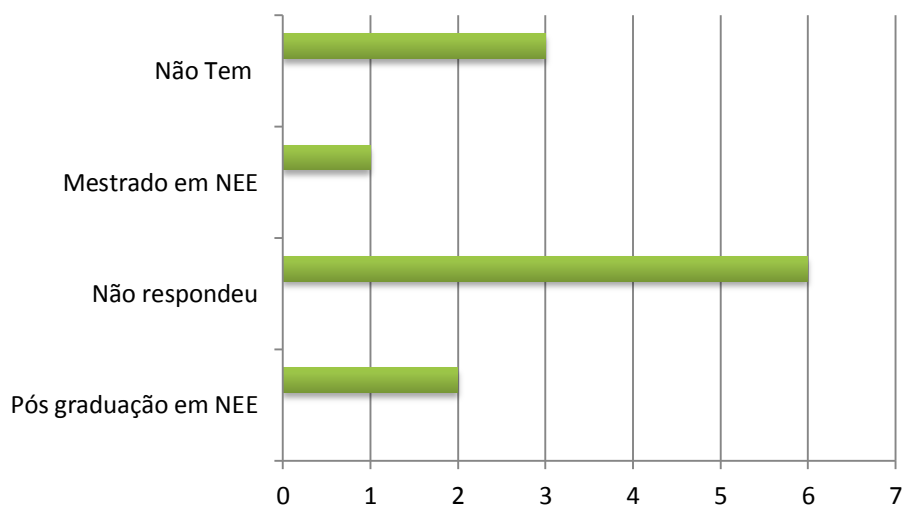
Averiguamos que a maioria possui uma licenciatura em Educação de Infância.

Gráfico nº4: Tempo de Serviço



Ao analisar o gráfico podemos constatar que a maior parte dos Educadores ostentam um tempo de serviço entre os 6 e os 10 anos, poucos possuem anos de serviço superior a 11 anos e uma reduzida percentagem apresenta uma experiência inferior a 5 anos e superior a 22 anos de serviço.

Gráfico nº5: Formação Específica



Este gráfico é inconclusivo quanto a formação específica, tendo em conta que a maioria dos inquiridos não respondeu a esta questão.

Gráfico nº6: Percepção que os educadores possuem acerca da autonomia

Recorrendo às perguntas orientadoras da tese ao questionar a percepção que os Educadores de Infância possuem acerca da autonomia podemos observar pelo gráfico que a maioria possui informação sobre a importância da autonomia (questão 1.5.1 do Inquérito)

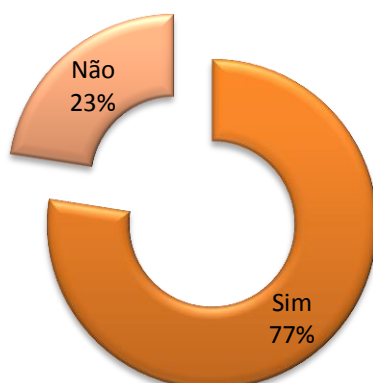
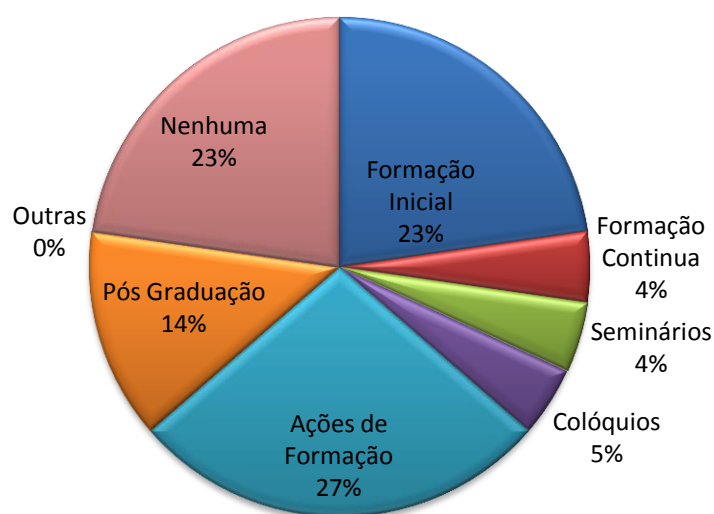


Gráfico nº7: Habilitações académicas/ profissionais adequadas para o desenvolvimento da autonomia em crianças com NEE

Se pensarmos noutra questão de orientação da tese sobre as Habilitações académicas/ profissionais adequadas para o desenvolvimento da autonomia em crianças com NEE as respostas foram múltiplas e variadas, na pergunta anterior como pudemos observar grande parte dos inquiridos respondeu que não tinham formação específica, mas ao questionar se tivessem respondido afirmativamente qual o tipo de formação que

tiveram, a generalidade respondeu a várias opções como podemos observar no gráfico em baixo e apenas uma pequena percentagem respondeu que não tinha nenhuma habilitação ou informação sobre estratégias de desenvolvimento da autonomia.



Ao interpretar o gráfico podemos concluir que os educadores que possuem alguma formação específica sobre estratégias de desenvolvimento da autonomia possuem mais do que uma formação destacando-se a formação inicial e as ações de formação.

II Parte- Necessidades Educativas Especiais

Gráfico nº 8: Conhecimento de Educação Especial

Ao questionar os educadores sobre educação especial, todos têm conhecimento da Educação especial.

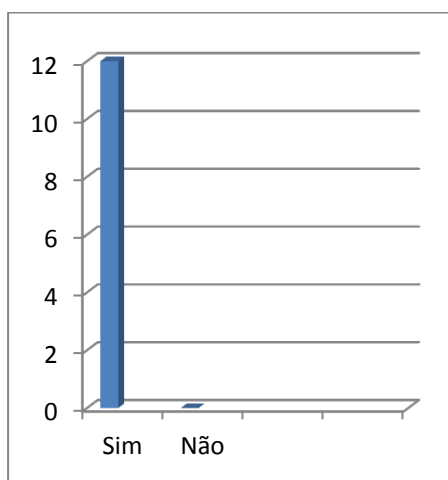


Gráfico nº 9: Trabalhou/trabalha com crianças com NEE, se sim em que condições trabalha ou trabalhou.

Na segunda questão da segunda parte é perguntado se trabalham ou se já trabalharam com crianças com NEE a resposta foi unanime.

Em que condições trabalha ou trabalhou, a maioria respondeu que trabalha no ensino regular, apenas 1 inquirido optou por não responder.

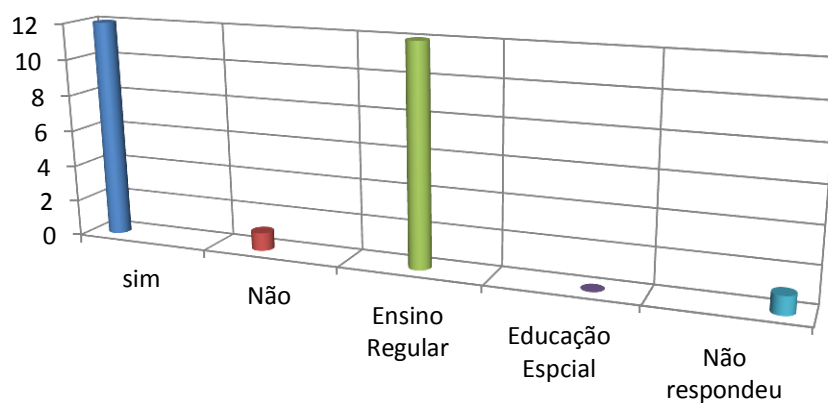


Gráfico nº 10: Considera que os educadores necessitam de uma preparação específica para desenvolver as crianças com NEE

Na questão 4 se consideram que os educadores necessitam de uma preparação específica para desenvolver as crianças com NEE todos responderam afirmativamente.

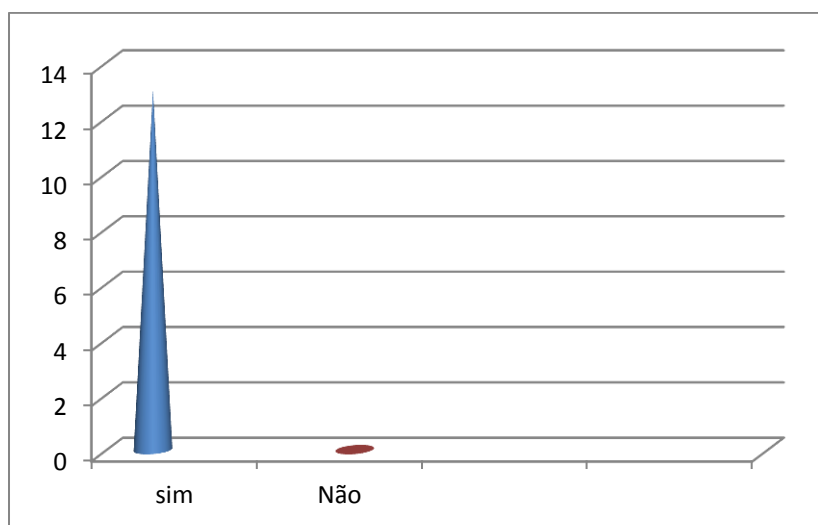


Gráfico nº11: Que tipo de formação considera a mais adequada

Que tipo de formação consideram a mais adequada a resposta foi variada sendo que mais do que um educador respondeu a mais de uma hipótese, concluindo desta forma que qualquer tipo de formação que vá de encontro a crianças com NEE é sempre bem-vinda com o intuito de fazer face as necessidades dessas crianças.

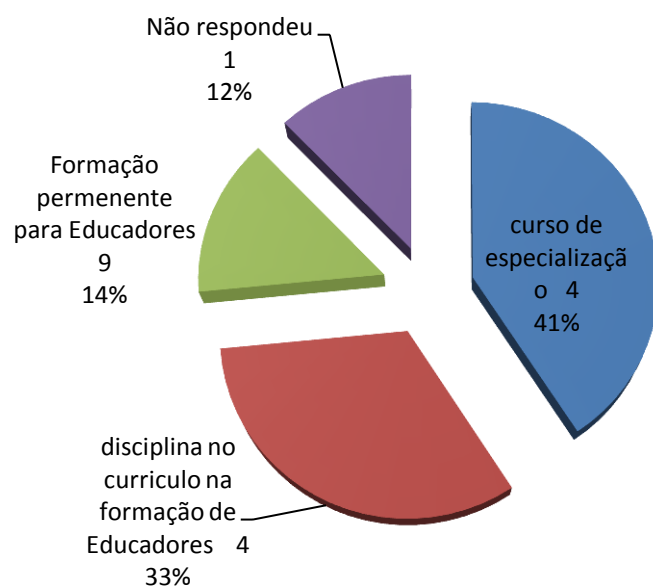


Gráfico n°12: Uma criança identificada com NEE necessita de um atendimento especial

O que leva aos inquiridos mencionarem que uma criança diagnosticada com NEE necessita de um atendimento especial e isso foi unanime.

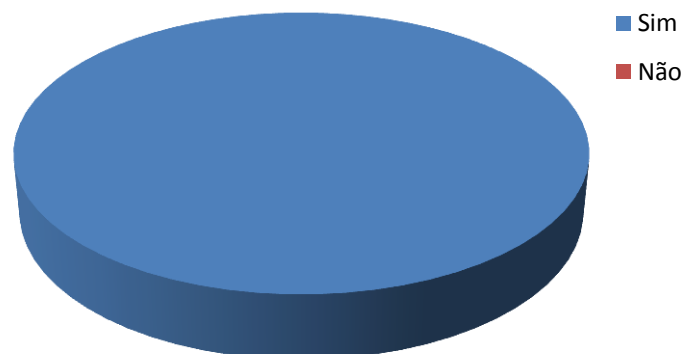
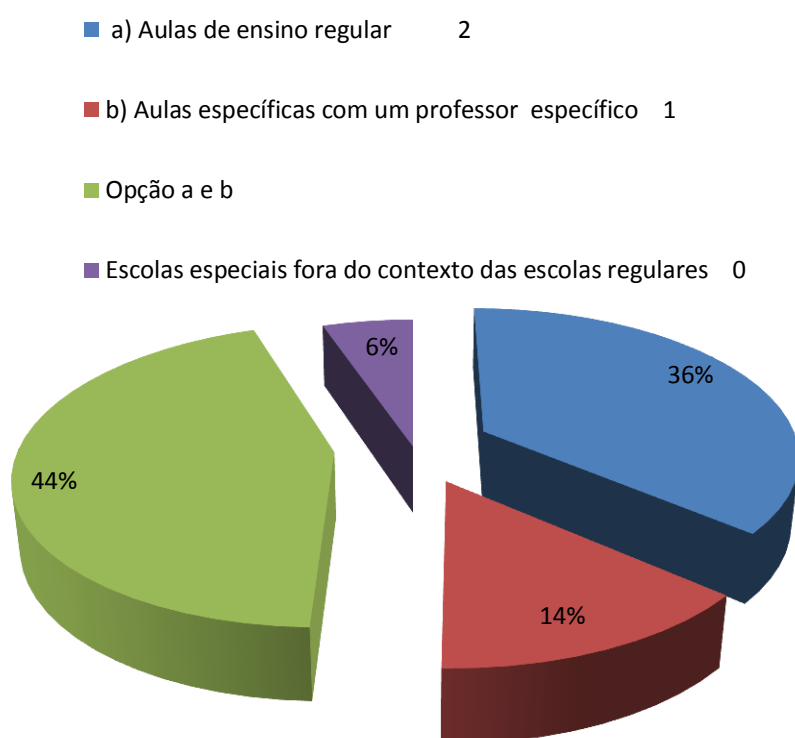


Gráfico nº 13: Tipo de ensino que crianças com NEE devem ter

No que diz respeito ao tipo de ensino que este tipo de crianças deve ter, já não partilham da mesma opinião:



III Parte- Contexto Trabalho

Gráfico nº 14: As crianças com NEE, no contexto atual da sua escola estão genericamente bem adaptadas?

Na terceira parte ao questionar-mos, se as crianças com NEE, no contexto atual da sua escola estão genericamente bem adaptadas a opinião foi diversificada.

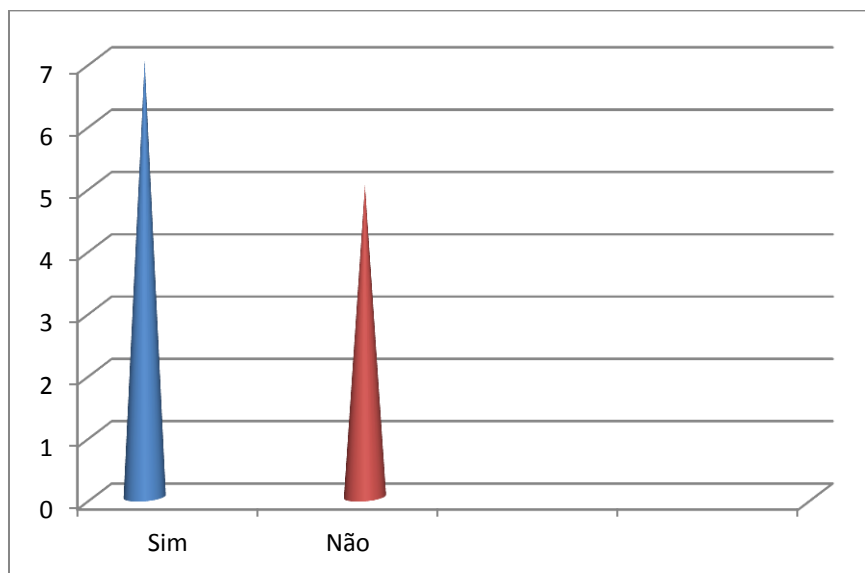
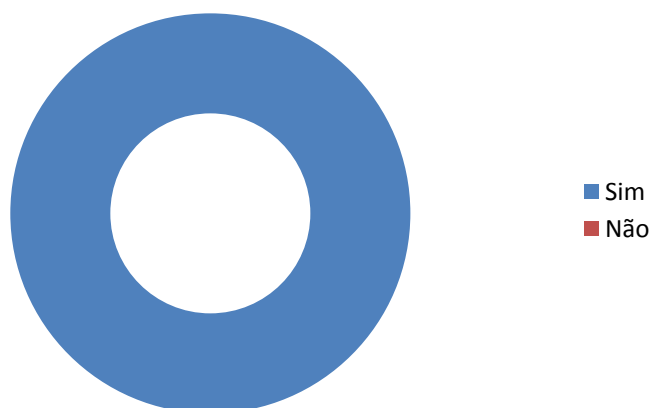


Gráfico nº 15: Preocupa-se com o desenvolvimento da autonomia da criança com NEE

Uma outra questão de orientação da tese, é sobre a importância da autonomia no desenvolvimento da criança, se contribui para o crescimento da criança com NEE, a resposta foi unanime, todos os inquiridos acham importante.



Quadro nº5: Estratégias utilizadas e as dificuldades sentidas nos diferentes contextos de sala

Ao responderem de forma afirmativa à questão anterior, procurou-se saber o modo de atuação/estratégias utilizadas e as dificuldades sentidas nos diferentes contextos de sala, ao fazer um levantamento podemos observar o que responderam os inquiridos:

Estratégias Utilizadas	Dificuldades Sentidas
Acolhimento: <ul style="list-style-type: none"> • Fortalecer relação criança/Adulto • Fortalece relação criança/criança • Utilizar materiais motivadores para a brincadeira • Adequar o momento às necessidades da criança • Incentivar à concentração e interiorização de regras • Acolhimento mais personalizado • Promover a amizade. • Trabalho individual por parte do docente para entender a criança • Promover a socialização 	Acolhimento: <ul style="list-style-type: none"> • Nº de adultos presentes na sala • Rejeição das crianças ditas normais relativamente as crianças com nee • Realizar atividades em simultâneo com crianças ditas normais e nee.
Jogo Livre: <ul style="list-style-type: none"> • Deixar a criança interagir de forma livre • Estimular a autonomia • Participar com a criança no jogo • Motivar • Livre arbitro • Supervisionamento e orientação • Objectivos fáceis de alcançar 	Jogo Livre: <ul style="list-style-type: none"> • Gestão do tempo • Desistir da atividade
Refeições: <ul style="list-style-type: none"> • Reforço positivo • Deixar de ajudar de forma gradual 	Refeições: <ul style="list-style-type: none"> • Poucos adultos presentes na hora da refeição

Roda/Grande grupo: <ul style="list-style-type: none"> • Estimular a linguagem através de canções, histórias, lengas-lengas • Dar tempo e espaço para a criança responder e expor o que sente e quer • Promover a partilha 	Roda/Grande grupo: <ul style="list-style-type: none"> • Gestão do tempo
Actividades estruturadas: <ul style="list-style-type: none"> • Deixa-la interagir nas diferentes actividades • Deixa-la explorar os diferentes materiais, de forma livre e espontânea • Criar momentos de trabalho individual • Actividades lúdicas • Contar histórias com valores • Deixar a criança dar asas a sua imaginação sem imposição 	Actividades estruturadas: <ul style="list-style-type: none"> • Elevado nº de crianças • Espaço • Tempo
Actividades ao ar Livre: <ul style="list-style-type: none"> • Encorajar a criança a ultrapassar as suas dificuldades • Evitar a exclusão da criança através da motivação e a participação 	Actividades ao ar Livre: <ul style="list-style-type: none"> • Estrutura do espaço exterior
Cantinhos da sala <ul style="list-style-type: none"> • Fazer a criança rodar por todos os cantinhos • Motiva-lo • Favorecer a socialização entre os pares 	Cantinhos da sala
Higiene <ul style="list-style-type: none"> • Faze-la sentir-se prazerosa nas suas conquistas • Manter a rotina • Dar ordens sucintas 	Higiene

Ao analisarmos o quadro a cima apercebemo-nos que os Inquiridos partilham de alguma forma da mesma opinião que Troncoso e Cerro (2004), possuem quanto ao tipo de estratégias de intervenção que o educador poderá utilizar, tais como:

✓ Possibilitar às crianças um maior número de experiências variadas para que aprendam;

- ✓ Trabalhar inicialmente por períodos curtos, aumentando de forma gradual o tempo;
- ✓ Motivar e aumentar a auto-estima;
- ✓ Utilizar objetos apelativos e variados para despertar o interesse pela atividade
- ✓ Ajudar a criança na realização da atividade, até que a possa fazer sozinha;
- ✓ Despertar o seu interesse pelos objetos e pelas pessoas que a rodeiam;
- ✓ Repetir muitas vezes as tarefas já realizadas, para que a criança se recorde como se fazem e para que servem;
- ✓ Ajudar a aproveitar todos os factos que acontecem ao seu redor e a aprender a sua utilidade, relacionando os conceitos com o que aprendeu na aula;
- ✓ Ser paciente com a criança, estimulando-a, no entanto, a dar uma resposta cada vez mais rápida;
- ✓ Conduzir a criança a explorar situações novas e a ter iniciativa;
- ✓ Trabalhar sempre no sentido de lhe dar oportunidades de resolver situações de vida diária, sem se antecipar ou responder por ela;
- ✓ Conhecer a ordem pela qual se deve ensinar, possibilitando-lhe muitas situações de êxito e sequenciar bem as dificuldades;
- ✓ Dizer sempre à criança quando faz uma coisa bem e felicitá-la pelo êxito obtido;
- ✓ Planear atividades nas quais intervenha ou actue como agente principal;
- ✓ Selecionar as tarefas e distribuí-las no tempo, de forma que não se confunda ou se canse.

O educador deverá conduzir o aluno ao sucesso, ou seja, levar a criança a realizar as tarefas com êxito. Para isso, o educador terá de delinear os objectivos a atingir, as etapas a alcançar e proporcionar os materiais adequados, avaliando sempre os passos intermédios que a criança vai atingindo. Torna-se assim indispensável analisar com mais rigor e minúcia o papel do educador no processo de ensinar, principalmente no que diz respeito à sua qualificação, para lidar com uma vasta diversidade de necessidades trazidas por cada uma destas crianças com necessidades educativas especiais.

A adaptação da criança ao ambiente educacional é condição necessária para que ela possa usufruir, da melhor maneira, as oportunidades de aprendizagens.

Gráfico nº 16: Inclusão de uma criança com NEE na classe regular promove a autonomia



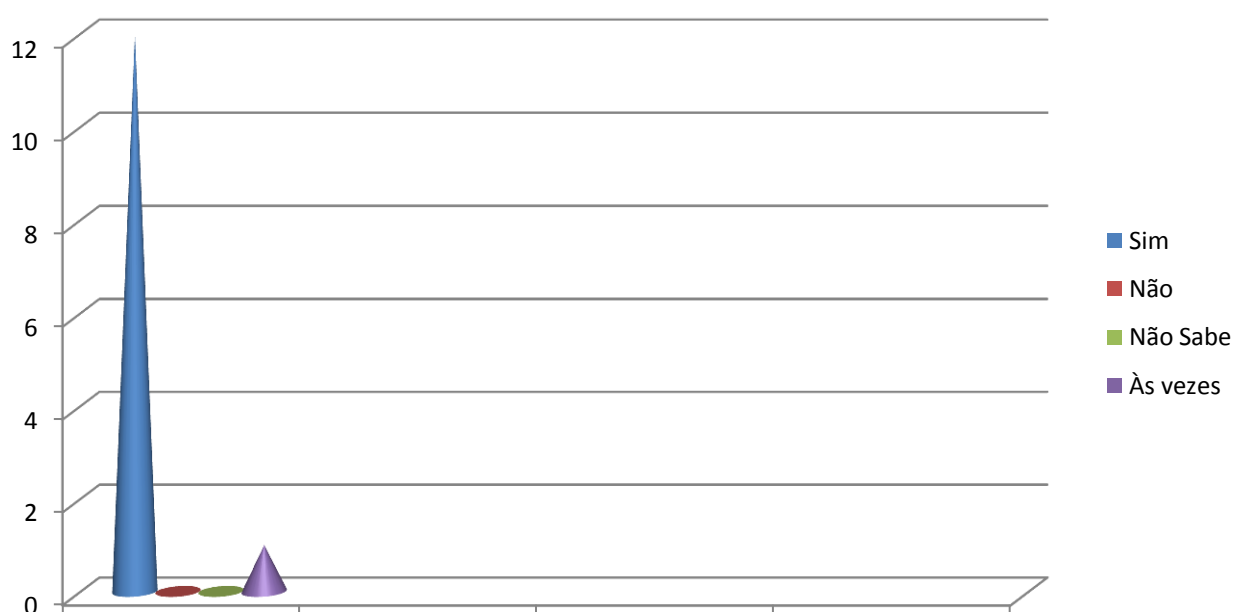
Observamos que todos os inquiridos concordam que é muito importante para o desenvolvimento da autonomia, que uma criança com NEE deve estar inserida numa classe regular.

Gráfico nº 17: Atividades desenvolvidas na sala de aula são adequadas, na sua maioria, às crianças com NEE.



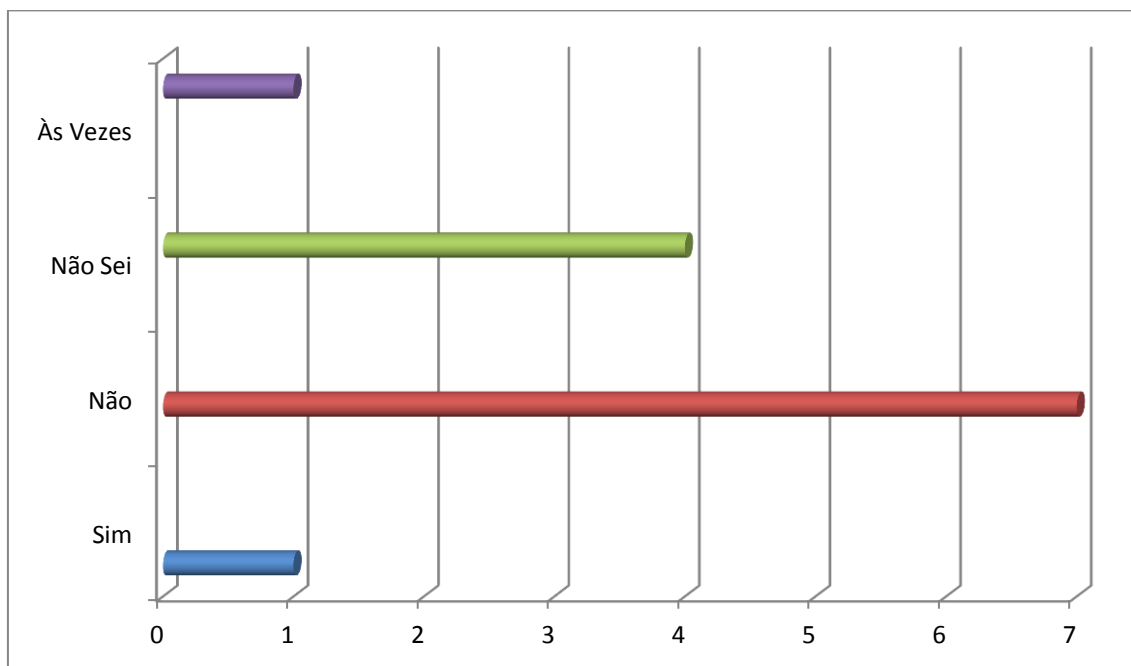
Verifica-se nesta situação, que a maioria tem a consciência que as atividades não são adequadas para as crianças fora do padrão da normalidade, apenas 15 % dizem que sim, 23% não sabe ou que depende. Ao analisarmos o gráfico podemos constatar que muitos dos inquiridos desenvolvem atividades que não vão de encontro às necessidades das crianças com NEE. Daí o facto de terem respondido no gráfico 7 que seria importante todos os educadores possuírem um curso de especialização.

Gráfico nº 18: O processo de desenvolvimento da autonomia requer a colaboração de outros especialistas (professor de educação especial, psicólogo, terapeutas etc...)



A grande maioria partilha da mesma opinião, que a ajuda de um especialista poderá contribuir e muito para um bom desenvolvimento da autonomia, apenas um dos inquiridos menciona que nem sempre é necessário outros intervenientes.

Gráfico nº 19: A criança com NEE tem mais sucesso escolar, se frequentar uma escola de ensino especial fora das escolas regulares:



Segundo a opinião dos mesmos é notório que a criança não necessita de estar inserida num ensino especial para obter melhores resultados no que diz respeito a autonomia no entanto denota-se que alguns dos inquiridos não sabem se os resultados serão melhores se frequentarem ou não o ensino especial apenas um inquirido defende que sim o sucesso depende do ingresso da criança num estabelecimento de ensino especial.

Após sabermos a opinião dos educadores de infância, resolvemos saber a opinião de um profissional de educação na área da educação especial, com vários anos de experiência através de uma entrevista...

2-Narrativa de um profissional em Educação Especial

Foi solicitado à Educadora de ensino especial, que dá apoio durante 45 minutos duas vezes por semana a duas crianças com NEE na Instituição, que desse a sua opinião sobre a importância da autonomia em crianças diagnosticadas com NEE, esta por sua vez prontificou--se de imediato colaborar com a presente investigação. A sua formação inicial é de Educadora de Infância na altura bacharelato, neste momento possui também uma licenciatura em Educação Especial e uma pós graduação na mesma área denominada “ A pedagogia ativa e as perturbações emocionais e da personalidade na criança e no jovem”.

Já passou por vários estabelecimentos de ensino, possibilitando desta forma um vasto leque de experiencias.

Para esta educadora a autonomia é algo muito importante, vejamos a sua opinião...

“A autonomia é uma das metas essenciais a ter em conta no trabalho com as crianças com NEE, para que estas consigam não depender dos outros nos aspectos essenciais da sua vida. Da sua autonomia depende muito a uma melhor integração na sociedade e o facto de se sentir autónoma torna-a uma pessoa mais confiante consigo própria e essa confiança pode dar-lhe força para ir mais longe.”

Dito isto fez-nos recordar a mesma opinião que Correia (2003):

“Um dos grandes objectivos de todo e qualquer educador é o de promover a auto-estima das crianças para que elas se sintam motivadas, pois assim serão mais receptivas à aprendizagem e às suas aptidões ...”

Como já tinha referido Meier (2011), A relação que o educador estabelece com cada criança, a forma como a valoriza e respeita, estimula e encoraja os seus progressos, contribuem para a auto-estima da criança e constituem um exemplo para as relações que as crianças estabelecerão entre si. Este processo de construção de um autoconceito

positivo supõe um apoio ao processo de crescimento em que a criança e o grupo se vão tornando progressivamente mais independentes e autónomos.

Ao questioná-la, Quais os resultados adquiridos pelos Educadores no desenvolvimento com as crianças NEE? A entrevistada responde de forma clara, imediata sem rodeios...

“Os resultados embora conseguidos de uma forma lenta, com muitos avanços e também retrocessos, têm sido animadores. As crianças portadoras de deficiência, transmite-nos que estão bem se conseguirem ser autónomos, felizes e interagirem bem com os seus pares. A sua autoconfiança é a base da sua relação com os outros e também a base para se sentir um elemento útil, que consegue fazer o mesmo que os outros de forma diferente, mas igualmente com bons resultados.”

Procurou-se saber segundo a opinião da mesma, em que moldes e como se deve estruturar o desenvolvimento da autonomia de maneira a esta trazer benefícios para a criança, fez uma pequena pausa e mencionou que “ desde cedo devemos ter em conta as mais capacidades da criança. Não poder querer que ela corra antes dela saber andar. De acordo com o perfil de funcionalidade da criança devemos fazer um programa de intervenção que corresponda às suas necessidades reais naquela fase e progressivamente ir fazendo as adaptações necessárias de acordo com as suas aquisições, por exemplo relativamente à autonomia mais precisamente a higiene, Saber/conseguir ir a casa de banho sozinha, conseguir Lavar/limpar as mãos, puxar o autoclismo (neste campo podemos utilizar a ajuda dos pares para incentivar a autonomia e é bom para ambos. Ao nível da alimentação o conseguir comer progressivamente sozinha, no que diz respeito ao vestuário, o vestir e despir sem ajuda, calçar e descalçar, abotoar e desabotoar botões, fechos/molas, atacadores etc....”

Segundo a mesma a inclusão de crianças com NEE é importante, apesar dos muitos obstáculos nem sempre é possível integrar dentro das salas do ensino regular por várias razões, como a falta de condições em termos físicos e materiais e também a falta de recursos humanos, são algumas das razões mencionadas, considera no entanto que em casos concretos, e dá o exemplo, de crianças com trissomia 21, é muito importante a integração da mesma em escolas do ensino regular Porque, são crianças que necessitam

de modelos e a parte social é muito importante para o seu desenvolvimento integral.

Relata que as unidades de multideficiência que estão a funcionar em alguns agrupamentos de escolas além de trabalharem a inclusão destas crianças fazem essencialmente um trabalho de trabalharem a inclusão destas crianças, fazem essencialmente um trabalho de desenvolver a autonomia destas crianças aos mais vários níveis, com currículos funcionais para que consigam uma maior qualidade de vida como cidadãos.

Uma outra questão foi lançada Quais as capacidades que esta achava mais pertinente um profissional trabalhar na sala com crianças com NEE no desenvolvimento da autonomia da qual respondeu que de acordo com cada uma das crianças devemos trabalhar todas as suas capacidades, mas dar mais ênfase aquelas que a criança apresentar uma maior predisposição. Cada criança é um caso e temos que a respeitar como pessoa e tentar corresponder às suas expectativas.

Como todo o profissional, sabemos que existem obstáculos que têm de ser ultrapassados, ainda que pareçam “gigantes”, para esta profissional em educação a exceção não fugiu a regra, e menciona as dificuldades que tem encontrado no seu percurso profissional:

“As maiores dificuldades que sentimos ao nível de trabalhos de autonomia das crianças, normalmente prende-se com a falta de recursos humanos e o facto dos grupos serem bastante numerosos, tendo em conta a sua heterogeneidade e também a não continuidade em casa do que é proposto a criança fazer. Refiro-me concretamente ao nível da higiene e da alimentação. Quando trabalhamos, no sentido da criança deixar de usar fralda por exemplo, é preciso despende de tempo para ir com frequência à casa de banho e nem sempre os pais em casa o querem fazer, porque dizem que a criança faz chichi pela casa toda e torna-se mais fácil colocar a fralda. Ao nível da alimentação também é mais fácil por vezes os pais darem comida à boca à criança. Por vezes é mais difícil o trabalho com os pais do que com as crianças quem mencionam sempre “ Coitadinha, ainda é muito pequenina...” oiço isto com muita frequência.”

A entrevista termina com a pergunta que configurou esta investigação, que estratégias utiliza para desenvolver a autonomia, menciona apenas uma que acha crucial nomeadamente o trabalho em conjunto com os pares e transversalmente da colaboração para incentivar as crianças através da imitação e da experimentação, porque partilha da

opinião que as crianças têm maiores facilidades em corresponder quando são as próprias crianças a interagirem com elas. “As crianças têm que sentir verdadeiramente incluídas, integradas no grupo e a partir daí, tal como as outras, promover a sua autonomia de igual forma, mas com uma maior incidência na área mais deficitária e com uma maior persistência.”

3- Conclusão

Para desenvolver todo o processo de alcance da autonomia, a criança com NEE necessita de um trabalho de estimulação desde o seu nascimento. Processo esse que deve ser explorado não só pelos educadores/professores mas também pelos responsáveis dos mesmos.

Segundo a opinião da entrevistada faz parte do universo da diversidade humana e tem muito a contribuir com sua forma de ser e sentir para o desenvolvimento da autonomia e uma boa integração numa sociedade inclusiva.

“Não há criança nenhuma que não queira aprender.”

(Correia, 2009, p.7)

Os dados obtidos (incluindo as conversas informais com os educadores, onde verbalizaram a importância da família no trabalho em parceria com a escola, no processo de aquisição da autonomia, o que por vezes não existe, devido a indisponibilidade de algumas famílias, por falta de conhecimento ou devido a situação financeira) levaram-nos a concluir que a relação família e escola são fundamentais, principalmente nos primeiros anos de vida. A estimulação precoce destas crianças no processo de alcance da autonomia é fundamental para o melhor desenvolvimento possível, diminuindo assim as dificuldades na primeira infância, que poderão trazer sérias consequências futuras.

Sendo o objetivo principal deste trabalho a verificação da existência prática de estratégias para desenvolver a autonomia numa instituição em Lisboa perante crianças com NEE, constatou-se pelas respostas dos docentes que se disponibilizaram a responder ao inquérito por questionário, que efetivamente algumas estratégias são postas em prática. Assim, nesta Instituição, além de não encontrarem entraves à sua admissão, são bem-vindos e ajudados na sua integração por parte do pessoal educativo, que maioritariamente os respeita e se mostra disponível para colaborar no trabalho com estes discentes. Além disso, procura-se remover as barreiras, bem como os obstáculos que possam tornar difícil essa tarefa.

A Inclusão é sem dúvida alguma um passo decisivo para o sucesso de todos os alunos, quer apresentem necessidades educativas especiais ou não. Este sucesso tem a ver não só com o seu desempenho académico, mas também com todo o seu ser enquanto pessoa.

“Sem dúvida, a razão mais importante para o ensino inclusivo é o valor social da igualdade. Ensinamos os alunos através do exemplo de que, apesar das diferenças, todos nós temos direitos iguais...” (Stainback e Stainback, 1999, p. 26).

Cabe ao educador trabalhar a criança desenvolvendo nesta, capacidades de praticar atividades diárias, por mais simples que sejam, lúdicas, participar das atividades familiares, desenvolver seu direito de cidadania e até mesmo desenvolver uma actividade profissional. Para isso, profissionais especializados e cuidados especiais devem ser tomados, a fim de facilitar e possibilitar um maior rendimento e desenvolvimento educacional/ autonomia das crianças com NEE. É de grande importância a estimulação para a autonomia, não só porque a criança encontra-se em fase de maturação global e o seu sistema nervoso está a moldar-se pelas experiências e estímulos recebidos, mas também devido à grande necessidade dela vivenciar experiências que permitam o seu desenvolvimento, respeitando suas deficiências e explorando suas habilidades. Nas crianças com NEE o tempo de compreensão é bem mais reduzido em comparação com as crianças ditas normais logo é essencial para os que as rodeiam saberem como incentivá-las, para que elas saibam que estão a ser compreendidas.

Para que isso se verifique é essencial uma preocupação por parte do educador em querer desenvolver nas mesmas a oportunidade em alcançar os mesmos objectivos que o restante grupo no que diz respeito a sua autonomia e ter as mesmas oportunidades que as outras crianças e não serem vistas como incapazes ou como “coitadinhas”, não devem ter uma protecção excessiva só porque têm um grau de deficiência.

“Isto quer dizer que é de extrema importância que todos os educadores e professores aceitem a responsabilidade de educar todos os alunos, não obstante a sua problemática” (Correia, 2009, p.13).

E é isso que se pretende, que as crianças com NEE sejam o mais autónomas possíveis. A estimulação adequada é essencial na aquisição/ desenvolvimento da criança com NEE. As mesmas devem ter acesso às mesmas oportunidades, aumentando as suas possibilidades de observação e intervenção, pretendendo a aprendizagem dos seus alunos/crianças que são especiais e que tem dificuldades como qualquer outra criança, mas por outro lado também são capazes de vencer suas dificuldades e de se desenvolverem.

Sejam quais forem as características e necessidades da criança, os Jardins de Infância devem estar preparados para dar resposta à heterogeneidade e assim, proporcionar condições que permitam maximizar o seu potencial.

Concluimos que o desenvolvimento da autonomia implica, uma reorganização significativa no planeamento pré-escolar, na formação contínua dos educadores, nas relações interpessoais, nas metodologias de ensino/aprendizagem e na participação dos pais.

Para isto seja possível, exige muito esforço por parte dos diversos intervenientes no processo de ensino – aprendizagem, o que se deve a vários factores. Para César (2003), entre eles salientam-se os seguintes: abandono de hábitos muito enraizados, já tidos como norma; lentidão de todo o processo de mudança; resistência devido ao esforço exigido; capacidade para ultrapassar obstáculos; disponibilidade para a reflexão conjunta; trabalho colaborativo; medo do desconhecido; aceitação dos riscos; definição de projectos de vida e tomada de múltiplas e diferentes decisões.

Face ao exposto, parece-nos óbvio que ainda existe muito para nós, educadores, fazermos, para que estas crianças tenham uma educação, o mais adequada e feliz possível.

Os inquiridos referem ainda que para além de continuarem a trabalhar de forma isolada (sem o apoio de algumas famílias) e não em parceria, é um dos entraves à aplicação de estratégias diferenciadas na sala da aula, advém do número elevado de discentes que constituem actualmente cada turma (apesar de haver redução de crianças, continuam a ser um número significativo), acabando por não conseguir trabalhar de uma forma mais individualizada com os alunos que revelam NEE, não lhes dispensando por conseguinte a atenção que os mesmos necessitariam de ter.

Estes factos levam-nos a concluir que existe nesta instituição uma forte necessidade de formação para os Educadores (que os próprios também reconhecem) na área das necessidades educativas especiais, de modo a que estes possam otimizar o seu trabalho com os alunos com NEE.

“Embora a maioria dos Educadores acredite no conceito de inclusão, tem-se verificado que eles têm alguns receios em relação a este processo de mudança, especialmente porque sentem que lhes falta a formação necessária para ensinar os alunos com NEE.”

(Correia e Martins, 2000)

A falta de formação específica em NEE de Educadores influencia por certo a forma como estes utilizam os recursos que as escolas põem ao seu dispor, pois segundo a investigação realizada, também estes não são claramente distribuídos para apoiar a inclusão de todos os alunos, havendo mesmo falta de coordenação de todas as modalidades de apoio.

No entanto, estaríamos (nós profissionais em educação) melhor preparados se os nossos conhecimentos se enriquecessem, pondo desta forma de parte o “receio” que Correia e Martins referem. Para este enriquecimento, esperamos que esta investigação tenha contribuído, por um lado, através das informações que fornece, mas por outro lado, que suscite trabalhos novos num domínio mais abrangente.

É ainda nossa intenção, em futuras investigações, continuar a abordagem deste tema, nomeadamente através da observação em ambiente natural, na sala, no sentido de compreender melhor a problemática do desenvolvimento da autonomia no pré-escolar.

4-Limitações do Estudo e Linhas Futuras de Investigação

Uma das grandes limitações deste estudo encontra-se na sua reduzida amostra: apenas 12 Educadores de Infância. Fazendo com que as conclusões desta investigação aplicarem-se apenas a essa mesma população, abordando deste modo a um estudo exploratório. Por outro lado, a amostra deste trabalho engloba apenas educadores de uma mesma instituição de ensino, o que poderá ter influenciado os resultados observados. Não podemos generalizar os resultados obtidos a outros estabelecimentos de ensino porque cada caso é um caso.

Como já afirmámos anteriormente, esta investigação procurou conhecer as estratégias utilizadas pelos educadores de infância no desenvolvimento da autonomia a partir das representações que os inquiridos têm do mesmo. Consideramos que também a opinião dos pais ou dos tutores ajudaria ainda mais ao conhecimento do processo de aprendizagem autodirigida. Tratando-se de uma limitação deste estudo, pensamos que é uma dimensão a ter em conta em trabalhos futuros. Também seria importante que estudos próximos procurassem abranger um maior número de Inquiridos e de mais instituições de ensino. Além disso, seria também pertinente que futuros trabalhos acompanhassem o processo de aprendizagem (aliás o processo de conquista da autonomia) através de observações directas até à sua finalização, o que contribuiria para o aprofundamento do tema em análise.

5-Referências bibliográficas

- Antónia Emanuela Oliveira de Lima- Educação Infantil: *As Rotinas no desenvolvimento da autonomia*
- Bairrão, Joaquim (1998) -*Os alunos com NEE (subsídios para o sistema de Educação)*: conselho nacional de educação/ Revista Lusófona da Educação nº 13 Lisboa 2009
- Benard da Costa, A.M. (1998), “*Projectos escolas inclusivas*”: Inovação
- Bogdan, Robert; Biklen, Sari (1994). “ *Investigação Qualitativa em Educação, Coleção Ciências da Educação*”, Porto: Porto Editora
- Brazelton,T.Berry (1995) - *O grande Livro da Criança (o desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos)*: editorial presença
- Cohen,L.; Manion, L (1994). *Research methods in education (4ª ed)*. London: Routledge
- Correia, Luís de Mirnda (2003). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais*. Um Guia para Educadores e Professores.
- Correia, L.M. (1999). “*Alunos com NEE nas classes regulares*”. Porto Editora, Porto

- Correia, L.M. Lavrador, R.S.F (2010) “ *A utilização da CIF em educação*”: Um estudo exploratório. Braga: Instituição de Educação, Universidade do Minho
- Costa, A.B. (1998) “*Projecto Escolas Inclusivas*”. Inovação
- Costa, A.B. (1997) “*Caminhos para as escolas Inclusivas. Lisboa*”. Instituto de Inovação Educacional.
- Dewey, J. “ *Como pensamos*”. São Paulo: Editora Nacional, (2002)
- Dewey, J. “ *Uma Filosofia para Educadores em sala de aula*”. Petrópolis. Ed. Vozes. (1999)
- Delgado, J.;L Gutiérrez, J. (1995). Metodos y técnicos cualitativos de investigation en ciências Sociales. Madrid: Editorial Sintesis.
- Declaração de Salamanca sobre princípios, politico e pratico na área dos NEE (adaptado pela conferencia Mundial (UNESCO), (1994)
- Dias, Cláudia. Grupo Focal: *Técnica de Colecta de dados em pesquisa qualitativa (1999)*
- Enciclopédia de Educação Infantil “*Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar*”, Nova Presença, (1997)
- Freire, Paulo. (1996) “*Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*”. São Paulo: Paz e Terra.
- Flores, Varela José (1994) “*A influência da família na personalidade da criança*” Colecção crescer. Porto: Porto Editora Lda.

- Flores, J. *“Análises de dados qualitativos- Aplicações da Investigação Educativa*. Barcelona: PPU
- Godoy, A. S. (1995). *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. Revista de Administração de Empresas,
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- Hall, D. T. Protean careers of the 21st century. **Academy of Management Executive**, v.10, n.4, p.8-16, (Nov. 1996.)
- Hall, D. T., et al. **The career is dead, long live the career**: a relational approach to careers. San Francisco: Jossey-Bass Inc., (1996)
- Kamii, Constance.(1990) *-A criança e o número*. Regina de Assis. Trad. 13^a edição. Campinas: Papirus.
- Ladeira, Fernanda.,& Amaral, Isabel: *“Alunos com Multideficiência nas Escolas de Ensino Regular”*- Apoio Educativos, Ministério de educação (Nov. 1999)
- Leitão (2006), *Revista Lusófona da Educação nº 13* Lisboa 2009
- Louro, C; (Coord.): *“Acção Social na Deficiência”*- Universidade Aberta. Lisboa (2001)
- Low Brown 1986 citado por Fernanda Ladeira e Isabel Amaral *“Alunos com multideficiência no ensino regular”* pág 34
- Lüdke, Menga e André, Marli E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU

- Merriam, Sharan (1998). *Qualitative Research and Case Studies Applications in Education: Revised and Expanded from Case Study Research in Education*, San Francisco: Jossey-Bass Publishers
- Merton, R. K., & Kendall, P. L. (1946). The focused interview. *American Journal of Sociology*, 51, 541–557.
- Marchesi, A “A prática das escolas inclusivas” In David Rodrigue (org.) (2001). *Educação e Diferença. Valores e Práticas para uma educação inclusiva*. Porto: Porto Editora.
- Marchesi, A. (1995) “*Desenvolvimento Psicológico e Educação, NEE e Aprendizagem escolar*”. Porto Alegre: Artes Médicas, vol.3
- Martinelli, Maria Lúcia (org) “ *Pesquisa Qualitativa : Um inteligente desafio.*” São Paulo: Veras, (1999).
- Mattar,F.N “*Pesquisa de Marketing Metodologia e planeamento*”. S. Paulo. Atlas(1996)
- Meier, M. Garcia, S. “*Mediação de Aprendizagem: Contribuições de Feuerstein e de Vygotsky*”. Curitiba: Edição do autor, 2011.
- Ministério da Educação, “ *Avaliação e Intervenção na área das NEE*” de Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular,2014.
- Pringle, Mia Kellmer (1983) - *A criança uma perspectiva pessoal*: Lisboa Revista Educação Inclusiva vol. 1 nº 1 Julho 2010
- Patton, Michael Q. “*Qualitative evaluation methods.*” Beverly Hills, CA: Sage, (1980. 381p.)

- Ponte, J. P., Matos, J. F., Guimarães, H. M., Leal, L. C., & Canavarro, A. P. (1991). *“O processo de experimentação dos novos programas de Matemática: Um estudo de caso.”* Lisboa: IIE.
- Oliveira, M. M. *“ Como fazer pesquisa qualitativa. 3.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007*
- Quivy, R.; & Campenhoudt, L.;(2003) *“Manual de Investigação em Ciências Sociais”* 3ª Edição) Lisboa: Gradiva.
- Reneker, Maxine H. A: “Qualitative Study of information seeking among members of academic community: methodological issues and problems *Library quarterly* (1993)
- Rouse, M. & Florian, L. (1997) *“Inclusive Education in the market- place international journal of inclusive education.*
- Santos (1999), cit in Relação do professor com a autonomia da criança com NEE
- Silva, M. (2002) - Orientações curriculares para a educação pré-escolar, (2ª ed.), Lisboa: Ministério da Educação.
- Simeonsson (1994) cit in Perspectiva Histórica E Conceptual da Educação Especial
- Sutton, Brett. The rationale for qualitative research: a review of principles and theoretical foundations. *Library Quarterly*, v. 63, n. 4, p. 411- 430, Oct. 1993.
- Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.*

- Uditsk, Y, B (1993) “*From integration to inclusion: the canadian experience*, in R. (ed) *.Is there a desk with my name on it? The politics of integration*”, London: Falmer Press
- Vale. I. (2004). “*Algumas notas sobre Investigação Qualitativa em Educação Matemática*,” O Estudo de Caso. Revista da Escola Superior de Educação, vol.5. Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, 171-202.
- Vale, I., Portela J., e Subtil J. (2004). *Revista da Escola Superior de Educação. Escola Superior de Educação de Viana do Castelo. 5º volume.*
- Wildemuth, Barbara M. Post-positivist research: two examples of methodological pluralism. Library Quarterly, v. 63, n. 4, p. 450-468, Oct.1993.
- William, P.J.MC (2003) - *Estratégias Práticas para a intervenção precoce centrada na família*: Porto editora
- Wildemuth, Barbara M. Post-positivist research: two examples of methodological pluralism. Library Quarterly, v. 63, n. 4, p. 450-468, Oct. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications
- Wedell,1983, “*Conceitos de necessidades específicas de educação*”,(*In os alunos com NEE, subsídios para a educação conselho nacional de educação*)”
- Warnok (1978) “*Relatório do Wanok commitee of enquiri into the education of handicapped children and yound people*. Inglaterre
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planeamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman. 2ª Ed.
- Yin, Robert (1994). *Case Study Research: Design and Methods* (2ª Ed)

- Zigler e Hodapp (1986), cit in *A colaboração entre a família de crianças com NEE e a Escola* – Joana Ribeiro para obtenção de Mestre em ciências da educação especial 2012

6-Webgráfias

<https://www.youtube.com/watch?v=hDbA0NLZuC4>

<http://www.youtube.com/watch?v=b6ulC8S6AwE>

<https://www.youtube.com/watch?v=m0sF37j-T7Q>

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010384862008000300011&script=sci_arttext

<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/1490/Sonia%20Correia.pdf.pdf?sequence=1>

<http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/3936/1/projecto%20Ana%20Pereira.pdf>

<http://www.macetesdemaes.com/>

7-Decretos de Lei

- Decreto de Lei 3/2008 de 7 de Janeiro
- Decreto Lei 6/2001 e 7/2001 de 18 Janeiro sobre NEE

8-Apêndices

Inquérito

Exmo. (a) Senhor (a) Educador (a):

Sou aluna do Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC) Lisboa e encontro-me a realizar um trabalho de investigação para o mestrado em Ensino Especial, sob a orientação do Professor Dr. Nuno Mateus.

Tem em mãos um questionário que se insere nessa investigação e cujo tema é as estratégias de intervenção a utilizar em crianças NEE, no desenvolvimento da autonomia em ambiente pré-escolar.

Pretende-se com este estudo conhecer a opinião dos Educadores de Infância em relação a esse tema e as estratégias utilizadas.

Pretendo salientar que não existem respostas corretas nem erradas, apenas pretendo saber a sua opinião. Solicito-lhe autenticidade nas respostas pois só assim, poderão constituir um contributo para o estudo que se pretende realizar.

Sobre elas está garantido o total anonimato.

INQUÉRITO

(responda com um x)

I Parte – Caracterização/situação

1.Dados pessoais

1.1. Idade:

21-30_____

31-40_____

41-50_____

51-60_____

> 60_____

1.2. Sexo:

Fem. _____ Masc. _____

1.3. Ciclo de Ensino:

Pré - escolar _____

1º Ciclo _____

1.4. Tempo de serviço _____ (anos)

1.5. Formação específica

1.5.1. Durante o percurso profissional recebeu alguma informação sobre “estratégias para o desenvolvimento da autonomia”, ou áreas afins?

Sim _____

Não _____

1.5.2. Se sim, de que tipo? (escolha só uma opção)

a) Formação Inicial _____

b) Formação contínua _____

c) Seminários _____

d) Colóquios _____

e) Acções de Formação _____

f) Pós - Graduação _____

g) Outras, quais? _____

II Parte- Necessidades Educativas Especiais

1. Já ouviu falar da Educação Especial?

Sim _____

Não _____

2. Já trabalhou ou trabalha com crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE)?

Sim _____

Não _____

3. Se respondeu sim, diga em que condição trabalhou ou trabalha?

Como docente de Ensino Regular _____

Como docente de Educação Especial _____

4. Considera que os Educadores do ensino regular precisam de alguma preparação específica para desenvolver a criança com NEE?



a) Sim _____

b) Não _____

4. Se respondeu sim, diga que tipo de formação considera mais adequada:

a) Um curso de Especialização _____

b) Uma disciplina no currículo na formação de Educadores _____

c) Formação permanente para Educadores _____

6. Na sua opinião um aluno identificado com NEE necessita de um atendimento especial?

d) Sim _____

e) Não _____

7. Na sua opinião os alunos com NEE devem frequentar:

a) As aulas do ensino regular _____

b) Aulas em salas específicas de apoio ou de recursos, dentro do horário normal e por um professor de educação especial _____

c) Opção a e b _____

d) Escolas especiais e fora do contexto das escolas regulares _____

Parte III- Contexto de Trabalho

1. As crianças com NEE, no contexto actual da sua escola estão genericamente bem adaptadas?

a) Sim _____

b) Não _____

2. Preocupa-se com o desenvolvimento da autonomia da criança com NEE?

a) Sim _____

b) Não _____

3. Se a sua resposta foi positiva, como promove a autonomia nos diferentes contextos de sala? Que estratégia utiliza? E as dificuldades sentidas?

No Acolhimento?

No Jogo livre?

Nas refeições (almoço e lanche)?

No tapete (roda ou grande grupo)?

Atividades estruturadas (exemplo história, expressão plástica etc...)?

Atividades ao ar livre?

Brincadeira nas diferentes áreas da sala (cantinhos)?

Higiene?

4. A inclusão de uma criança com NEE na classe regular promove a sua autonomia?

- a) Sim_____
- b) Não_____
- c) Não sabe_____

5. As atividades desenvolvidas na sala de aula são adequadas, na sua maioria, às crianças com NEE?

- a) Sim_____
- b) Não_____
- c) Não sabe_____

6. Na sua opinião, o processo de desenvolvimento da autonomia requer a colaboração de outros especialistas (Professor de Ensino Especial, Psicólogo, Terapeutas...)/funcionários da instituição /?

- a) Sim_____
- b) Não_____
- c) Não sabe_____

7. Na sua opinião, a criança com NEE tem mais sucesso escolar, se frequentar uma escola de ensino especial fora das escolas regulares?

- a) Sim_____
- b) Não_____
- c) Não sabe_____

Obrigada pela colaboração

Entrevista à Educadora de Ensino Especial

Entrevista realizada no dia 19 de Maio, pelas 14h30 com a Educadora do Ensino Especial, começamos por falar um pouco sobre a investigação e os seus objectivos, foi uma conversa informal do qual prometi não identificar a pessoa em questão, que se demonstrou muito interessada e colaborante...

Boa tarde obrigada por me receber no seu gabinete, esta entrevista vai ser confidencial, no final após transcrevê-la poderá consultá-la e se entender que deve alterar alguma coisa, está à vontade para o fazer... podemos começar?

Sim com certeza eu é que agradeço, estou um bocadinho nervosa, mas se a Sandra achar que não estou bem é só dizer... estou pronta vamos começar...

1) Vou começar por perguntar a sua idade?

Ed. Ensino Especial (Ed):Tenho 55 anos de idade.

2) Qual a sua formação inicial? Em que ano concluiu e qual a sua duração?

Ed: A minha formação inicial é em Educação de Infância, em 1984, na altura era bacharelato e tinha a duração de 3 anos. Já lá vão alguns aninhos.

3) Para além de educadora de Infância possui mais alguma qualificação académica?



Ed: sim para além da formação inicial em Educação de infância, fiz uma licenciatura em Educação Especial que teve a duração de 2 anos e também fiz uma pós graduação na área da Educação Especial até teve como denominação “ A Pedagogia Activa e as Perturbações Emocionais e da Personalidade na criança e no jovem” durou apenas de 1 ano.

4) Há quantos anos lecciona?

Ed: já leciono há bastante tempo desde 1984, portanto vai fazer 30 anos.

5) Há quanto tempo está neste jardim de Infância?

Ed: Neste momento não estou a trabalhar directamente como educadora no jardim-de-infância. Trabalho como docente de Educação Especial desde 2004, nesta escola e presto apoio personalizado a alunos com NEE, a crianças do pré-escolar ao 4ºano de escolaridade.

6) Que aspectos positivos destaca da sua experiência profissional com crianças NEE?

Como docente de Educação Especial, considero que a minha experiencia com crianças NEE, tem sido muito positiva. Têm-me ensinado muito e com aspetos que nos surpreendem muito pela positiva. São crianças que essencialmente nos transmitem muito afeto e dedicação. Têm muito para dar mas são por vezes descuradas pelo facto de terem uma deficiência. Noto que apesar de tudo e da falta de algumas condições, quer a nível de material quer de recursos humanos, estas crianças integradas em escolas com crianças ditas normais fazem maiores progressos do que em escolas de Educação Especial, em que os modelos não são a normalidade.

7) No seu ponto de vista e como educadora de ensino especial deve considerar a autonomia um bem essencial a desenvolver nestas crianças (NEE), Qual a importância da autonomia no trabalho com as NEE?

Sem dúvida. A autonomia é uma das metas essenciais a ter em conta no trabalho com as crianças com NEE, para que estas consigam não depender dos outros nos aspetos essenciais da

sua vida. Da sua autonomia depende muito a uma melhor integração na sociedade e o facto de se sentir autónoma torna-a uma pessoa mais confiante consigo própria e essa confiança pode dar-lhe força para ir mais longe.

8) Quais os resultados adquiridos pelos Educadores no desenvolvimento com as NEE?

Os resultados embora conseguidos de uma forma lenta, com muitos avanços e também retrocessos, têm sido animadores. As crianças portadoras de deficiência, transmite-nos que estão bem se conseguirem ser autónomas, felizes e interagirem bem com os seus pares. A sua autoconfiança é a base da sua relação com os outros e também a base para se sentir um elemento útil, que consegue fazer o mesmo que os outros de forma diferente, mas igualmente com bons resultados.

9) Em que moldes e como se deve estruturar o desenvolvimento da autonomia de maneira a esta trazer benefícios para a criança?

Desde cedo devemos ter em conta as mais capacidades da criança. Não poder querer que ela corra antes dela saber andar.

De acordo com o perfil de funcionalidade da criança devemos fazer um programa de intervenção que corresponda às suas necessidades reais naquela fase e progressivamente ir fazendo as adaptações necessárias de acordo com as suas aquisições. **Pode dar alguns exemplos?** Sim, com certeza...

Por exemplo relativamente à autonomia mais precisamente a higiene, Saber/conseguir ir a casa de banho sozinha, conseguir Lavar/limpar as mãos, puxar o autoclismo (neste campo podemos utilizar a ajuda dos pares para incentivar a autonomia e é bom para ambos.

Ao nível da alimentação o conseguir comer progressivamente sozinha, no que diz respeito ao vestuário, o vestir e despir sem ajuda, calçar e descalçar, abotoar e desabotoar botões, fechos/molas, atacadores etc....

10) Que tipo de preparação específica os Educadores devem ter para lidarem com as NEE?

Os Educadores no meu tempo não tinham qualquer preparação específica para lidar com crianças com NEEs embora se fizesse uma breve abordagem e algumas visitas a colégios de educação especial. Actualmente já se tem formação nessa área, na formação inicial de professores o que facilita a integração e o acompanhamento de crianças com NEE nos jardins-de-infância são as escolas de ensino regular.

11) Como promover a participação efectiva destas crianças no jardim de Infância?

A melhor forma de promover a participação efectiva destas crianças no jardim de infância é em primeiro lugar trata-la de forma igual aos outros e fazer a sua integração junto dos seus

pares. O papel dos pares e o trabalho feito pelos educadores é essencial para que estas crianças sintam que fazem parte do grupo. Uma boa integração é sinónimo de maior motivação para que participe com satisfação.

12) Por falar em motivação... na sua opinião acha que a parte social e motivacional das crianças tem um papel fundamental na qualidade de vida de uma criança com uma NEE?

O facto de estar bem integrada num grupo e de partilhar com os outros bons e por vezes alguns menos bons momentos fá-la sentir que faz parte dele, embora com mais ou menos limitações. A sua aceitação é um factor fundamental para que ultrapasse os seus medos e que faça um percurso em termos sociais como as outras crianças.

Neste caso o educador também tem um papel fundamental porque nem sempre os pais das outras crianças vem as crianças com NEE como sendo um bem para os seus próprios filhos, que os ajudam a crescer como cidadãos que convivem com a diferença. O educador tem que trabalhar muito a cidadania onde todos estejam incluídos.

A sua integração social também tem muito a ver com a sociedade em que está inserida e a forma como é aceite, mas se for feito um bom trabalho com a criança desde muito cedo, em que se trabalha a sua auto-estima ajudá-la-á a ultrapassar as barreiras que ainda persistem em algumas comunidades. A sua aceitação plena, é claro que é fundamental na qualidade de vida de qualquer criança quer com NEE, quer não.

13) Acha possível e pertinente a inclusão e o desenvolvimento da autonomia de crianças com NEE na sala?

A inclusão de crianças com NEE é importante, embora nem sempre se consiga integrar dentro das salas do ensino regular por várias razões, como a falta de condições em termos físicos e materiais e também a falta de recursos humanos, são algumas das razões. Mas considero que no caso concreto de crianças com trissomia 21, é muito importante a sua integração em escolas do ensino regular, **Pode dizer porquê?** Porque, são crianças que necessitam de modelos e a parte social é muito importante para o seu desenvolvimento integral.

As unidades de multideficiência que estão a funcionar em alguns agrupamentos de escolas além de trabalharem a inclusão destas crianças fazem essencialmente um trabalho de desenvolver a autonomia destas crianças aos mais vários níveis, com currículos funcionais para que consigam uma maior qualidade de vida como cidadãos.

14) Quais as capacidades que acha mais pertinente um profissional trabalhar na sala com crianças com NEE no desenvolvimento da autonomia?

De acordo com cada uma das crianças devemos trabalhar todas as suas capacidades, mas dar mais ênfase aquelas que a criança apresentar uma maior predisposição. Cada criança é um



caso e temos que a respeitar como pessoa e tentar corresponder às suas expectativas.

15) Quais as maiores dificuldades sentidas ao incentivar a autonomia?

As maiores dificuldades que sentimos ao nível de trabalhos de autonomia das crianças (pausa) normalmente prende-se com a falta de recursos humanos e o facto dos grupos serem bastante numerosos, tendo em conta a sua heterogeneidade e também a não continuidade em casa do que é proposto a criança fazer. Refiro-me concretamente ao nível da higiene e da alimentação. Quando trabalhamos, no sentido da criança deixar de usar fralda por exemplo, é preciso despende de tempo para ir com frequência à casa de banho e nem sempre os pais em casa o querem fazer, porque dizem que a criança faz chichi pela casa toda e torna-se mais fácil colocar a fralda. Ao nível da alimentação também é mais fácil por vezes os pais darem comida à boca à criança. Por vezes é mais difícil o trabalho com os pais do que com as crianças quem mencionam sempre “ Coitadinha, ainda é muito pequenina...” oiço isto com muita frequência.

16) Utiliza algumas estratégias para as crianças com NEE na sala? Quais?

Sim, é muito importante ter estratégias para trabalhar com estas crianças. Uma delas que resulta muito bem é trabalhar em conjunto com os pares e pedir a sua colaboração para as incentivar através da imitação e da experimentação. Elas têm maiores facilidades em corresponder quando são as próprias crianças a interagirem com elas. As crianças têm que sentir verdadeiramente incluídas, quer dizer integradas no grupo e a partir daí, tal como as outras, promover a sua autonomia de igual forma, mas com uma maior incidência na área mais deficitária e com uma maior persistência.

Muito obrigado pela sua colaboração

9-Anexos